

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS

Paulo Henrique Luz do Nascimento

**RELIGIÃO E GÊNERO: a marginalização da mãe solteira no bairro
Morro da Macambira (1997-2013)**

PICOS, PI.
2017

PAULO HENRIQUE LUZ DO NASCIMENTO

**RELIGIÃO E GÊNERO: a marginalização da mãe solteira no bairro
Morro da Macambira (1997-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Prof.^a Ma. Mara Carvalho

PICOS, PI.

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

N244r Nascimento, Paulo Henrique Luz do

Religião e Gênero: a marginalização da mãe solteira no bairro Morro da Macambira (1997-2013) / Paulo Henrique Luz do Nascimento. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (59 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.

Orientador: Prof^ª. Ma. Mara Gonçalves de Carvalho

1.Religião-Família. 2.Mães Solteiras. 3.Religiosidade-Memórias. I. Título.

CDD 305.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Paulo Henrique Luz do Nascimento** sob o título **Religião e gênero: a marginalização da mãe solteira no bairro Morro da Macambira (1997-2013)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof^a Ma. Mara Gonçalves de Carvalho

Examinador 1: Prof. Me. Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

Examinador 2: Prof. Es. Higo Carlos Meneses de Sousa

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9.5.

Picos (PI), 06 de Julho de 2017

Orientador (a): Mara Gonçalves de Carvalho

Examinador (a) 1: Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

Examinador (a) 2: Higo Carlos Meneses de Sousa

A Deus, a quem devo toda a minha gratidão.

A meu amigo Itallo XP (in memoriam), que partiu para outra vida em 2016, deixando muitas saudades.

A minha família, base de todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

Diante de todas essas coisas só me resta ser grato. Na verdade esse momento evidencia a fidelidade de Deus em minha vida e o quanto vale a pena sonhar. É por isso que a minha alma me leva a agradecer e engrandecer o nome de Deus, que é Rei e Senhor do universo, por todos os seus feitos grandiosos e pelo seu cuidado para comigo. Quantas vezes em meio ao turbilhão de pensamentos que perpassavam a minha mente pude escutar a voz do Senhor dizendo ao meu coração: “Continue, vai valer a pena!”. Por isso toda honra e toda glória seja dada a Deus.

Agradeço aos meus pais, Iracilda Maria da Luz Nascimento e Francisco Marcelino do Nascimento por todo o carinho dedicado a minha pessoa. Tenho muito orgulho de ser chamado de seu filho. Sinto por vocês um amor tão imenso que as palavras da língua se tornam insuficientes para expressar o que está dentro do meu coração. Tudo o que sou devo a vocês! Agradeço aos meus irmãos, João Pedro Luz do Nascimento e Paula Fernanda Luz do Nascimento, que apesar das especificidades que marca nosso ser, somos um, dispostos a enfrentar qualquer situação em prol um do outro.

A minha orientadora Mara Carvalho por tudo que tens feito. Por toda a dedicação com meu trabalho, que aos poucos foi sendo lapidado e aperfeiçoado. Sem suas correções e incentivos esse trabalho não seria possível. Agradeço também ao professor Gleison Monteiro, pelas enormes contribuições durante a defesa do primeiro capítulo. Na verdade, suas contribuições vêm desde o pré-projeto. Agradeço também a minha banca por todas as contribuições feitas para investir ainda mais nessa temática.

Faço menção a todos da “Família Ti Dão”, minha vó, meu vô, tios, tias, primos e primas. Cada um é especial para mim. Agradeço também a todos os meus amigos, em especial, Rosilene Viera, por ser essa pessoa tão fantástica e compromissada com aquilo que lhe é proposto e a Maria Jéssica, que sempre compartilha tudo, sejam as alegrias, sejam as tristezas. Na verdade, já são muitos anos de parceria. Dedico minha gratidão também ao meu amigo e Pr. Pedro de Araújo Leal, por ser essa pessoa tão humilde, simples e conselheiro. Agradeço também a minha família acadêmica, em especial, a melhor turma do mundo, a “Família 2013.1”. Vocês foram um presente de Deus em minha vida.

As minhas entrevistadas por ter me concedido o privilégio de está ouvindo-as e me autorizando a usar seus depoimentos na minha pesquisa, das quais foram: Cleudimar Félix de Sousa; Paula de Araújo Santos; Maria Isabel Batista Campos; Maria Odete da Silva e Neusa Maria de Sousa Araújo.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem histórica sobre a Igreja Católica em Picos no período de 1997 a 2013, problematizando alguns elementos contraditórios do seu discurso, como, por exemplo, a de uma igreja acolhedora e universal. Nosso propósito é mostrar que a Igreja em certos momentos assume um espaço de heterogeneidade, com diferenças regionais. Ao fazer as pesquisas percebemos que esse trabalho se torna importante justamente por ver muitas mães solteiras, mesmo se apresentando como um modelo alternativo de família, ter que enfrentar uma sociedade marcada pela sacralização do modelo nuclear, composto por pai, mãe e filho, e não encontrar um conforto dentro da Igreja, por causa da sua condição civil. O referencial teórico utilizado tem como base autores que trabalham os conceitos de Religião, Gênero e família, como, por exemplo, Amaral (2001), Prado (1982), Portelli (2009), Bosi (2003) entre outros. Para o embasamento da pesquisa utilizou-se a metodologia da história oral, além de documentos iconográficos, eclesiásticos e várias pesquisas bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Família. Mães solteiras. Memórias.

ABSTRACT

The present work takes a historical approach on the Catholic Church in Picos from 1997 to 2013, problematizing some contradictory elements of its discourse, such as a welcoming and universal church. Our purpose is to show that the Church at times assumes a space of heterogeneity, with regional differences. In doing research, we realize that this work becomes important precisely because many single mothers, even if presenting themselves as an alternative family model, have to face a society marked by the sacralization of the nuclear model, composed of father, mother and child, and not To find comfort within the Church, because of their civil status. The theoretical framework used is based on authors who work on the concepts of religion, gender and family, such as Amaral (2001), Prado (1982), Portelli (2009), Bosi (2003) and others. For the base of the research the oral history methodology was used, as well as iconographic, ecclesiastical documents and several bibliographical researches.

KEY WORDS: Religion. Family. Single mothers. Memoirs.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: A Cidade Modelo: Aspectos gerais e religioso das décadas de 80 e 90	17
1.1 Aspecto econômico.....	17
1.2 Aspectos demográfico e social.....	19
1.3 O Morro da Macambira na Memória de Neusa Araújo.....	21
1.4 A Igreja Católica no bairro Morro da Macambira.....	23
Capítulo 2: O que é Família, afinal?.....	33
2.1 Famílias alternativas.....	35
2.2 Família monoparental.....	40
2.3 A relação entre Igreja Católica e família.....	43
Capítulo 3: O batismo de filho de mães solteiras.....	49
3.1 O Sacramento do Batismo.....	50
3.2 As mães solteiras e suas vivências.....	53
Considerações Finais.....	65
Referências	67

INTRODUÇÃO

Nesta monografia trabalharemos com a temática Religião e Gênero na cidade de Picos, em específico no bairro Morro da Macambira. Como ponto de ligação entre essas duas temáticas, veremos a relação da Igreja Católica com as mães solteiras, onde estas muitas vezes eram marginalizadas pela comunidade católica, em alguns casos eram proibidas, por exemplo, de fazer parte da liderança de alguma atividade da igreja e de batizar seus filhos, tudo por conta do seu status civil.

Trabalharemos com a Igreja Católica do bairro Morro da Macambira, tendo em vista ser esta a maior igreja do Brasil, assim também como é a maior na cidade de Picos, que até hoje é considerada como uma cidade religiosa, por causa dessa predominância do catolicismo. Vale ressaltar que o Piauí é o Estado mais católico do Brasil desde 1940, segundo o IBGE - Censo 2010¹. Esse forte fator tem sido confirmado pelas várias produções historiográfica regional, que vem cada vez mais mostrar esse passado e suas raízes religiosas. Sendo assim, buscaremos compreender seu papel enquanto uma instituição que tem como função “atender” os mais necessitados. Na teoria, a igreja no bairro significa uma maior inserção do povo na vida religiosa, pois essa é a sua função, dá uma maior assistência àqueles que pela distância ficavam impossibilitados de congregar. Com a igreja no bairro as pessoas agora passam a ter a “facilidade” para cumprir os Sacramentos obrigatórios a todos os fies católicos.

Entretanto, veremos, dentro do recorte temporal proposto, que essa década é marcada pela exclusão de pessoas que não estavam “aptas” para se fixarem no campo sagrado, no caso, as mães solteiras, e que, nas últimas décadas do século XX, o perfil da igreja se mostrava em alguns aspectos contrários a seus discursos, pois como uma igreja que tende a ser universal, que prega a salvação para os oprimidos marginaliza pessoas por conta do seu status civil?

Nesse trabalho analisaremos também a temática Família, mostrando as novas configurações de modelo familiar, em oposição ao modelo sacralizado pela Igreja Católica, que é o da família nuclear. De acordo com Busin (2011) a família é, para diversas tradições religiosas, um locus privilegiado de transmissões e/ou socializações de valores e princípios religiosos:

¹ Dados população Católica Piauí: 2.653.135 pessoas residentes no Piauí declararam ao IBGE que sua religião é a católica apostólica romana. Disponível em: http://www.ibge.gov.estadosat/temas.php?sigla=censodemog2010_relig. Último acesso em: 10/12/2017.

A família é, para diversas tradições religiosas, um locus privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos. Como as religiões não dispõem de mecanismos coercitivos, elas instituem uma aliança com a família – fazendo a apologia desta –, que inculca em seus membros, especialmente nos das gerações sucessoras, os valores morais defendidos pelas religiões. (BUSIN, 2011, p.115)

Segundo a autora a família é o centro das atenções e o principal alvo de transmissão de socialização de valores e princípios religiosos da igreja, visto que, ela vê a necessidade das crianças crescerem aprendendo a doutrina católica. É por isso que notamos, através dos relatos orais, que a Igreja ainda encontra dificuldades de lidar com as novas configurações que o conceito de família tem recebido. Mesmo ela acreditando que a família possui essa capacidade de transmissão de valores religiosos, ela não permitia que uma mãe solteira batizasse seu filho na igreja, privando de receber o sacramento, somente por que ser “mãe solteira” não era considerada uma família, ou seja, uma “família completa”. Um homem, uma mulher e os seus filhos, é que poderiam passar esses valores cristãos para os seus filhos.

Na questão de gênero, veremos como as diferenças ligadas a ela são ainda determinantes para justificar seu papel na sociedade, isto é, os papéis de gênero ligado principalmente às concepções religiosas, como por exemplo, as mulheres representadas pela vida de Maria, a mãe de Jesus, que cumpriu sua missão enquanto mãe e esposa. Segundo Rachel Soihet (1997):

O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” — a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. O “gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. (SOIHET, 1997, p.404)

Assim, são essas construções sociais que estão em volta de uma família monoparental (família com um só cônjuge), no caso analisado, de uma mãe solteira. Deve ser destacado que cada vez mais as mulheres assumem novos papéis, e que, além disso, devemos nos atentar para a configuração social que as mulheres vêm assumindo atualmente. Tomando por base as mulheres do Brasil, podemos afirmar que elas são maioria no país, têm vida média mais elevada que os homens e assumem cada vez mais o comando das famílias.

A nova mulher brasileira desempenha um papel cada vez mais importante na sociedade. É o que mostra o novo estudo lançado pelo IBGE, “Perfil das mulheres responsáveis pelos

domicílios no Brasil”², baseado em dados do Censo 2000. O lançamento da pesquisa é um estímulo à discussão da sua situação no Brasil. O trabalho destaca os dados mais significativos sobre as 11. 160. 635 mulheres – ou 12,9% das 86. 223. 155 brasileiras- que têm sob sua responsabilidade 24,9% dos domicílios do país. Em 1991, apenas 18,1% dos domicílios estavam nesta situação.

No presente estudo, as famílias de mães solteiras são definidas como constituída de uma mulher não casada, que desde o início da gestação assumiu a responsabilidade de ter um filho sem a presença do pai biológico ou de alguém que o substitua. Considerando as últimas pesquisas, o percentual de famílias chefiadas por mulheres no país passou de 24,9% para 37,3%, entre 2000 e 2010. Segundo os novos dados do Censo Demográfico de 2010, divulgados no dia dezessete de outubro pelo instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também aumentou o número de mulheres solteiras com filhos. Através dos dados estatísticos do IBGE, podemos perceber o crescimento da família constituída apenas por mãe como a única responsável por criar, sustentar e educar os seus filhos.

Por que tem ocorrido esse crescimento? Será se tem alguma relação com a questão da diminuição do preconceito? Tendo em vista essas pesquisas, podemos perceber que esse aumento se deve a uma mudança de valores, ao novo papel da mulher na sociedade, a fatores como o ingresso maciço no mercado de trabalho e o aumento da escolaridade em nível superior.

Esses diversos avanços que ocorreram deve-se as grandes transformações que estavam acontecendo desde as primeiras décadas do século XX, com a urbanização, a imprensa, principalmente a feminina que detalhava a importância e o sentido da educação. Em tom frequentemente profissional aconselhasse sobre a melhor formação a ser dada às moças daquele tempo. O presente século veio com muita força e impulso que levou a mover avançadas conquistas.

² Esta publicação reúne indicadores selecionados que retratam o perfil da mulher considerada como referência no domicílio, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2000. Apresenta a distribuição geográfica e urbano-rural do universo feminino responsável pelo domicílio, bem como seu nível de escolaridade e de rendimento e grupos de idade. Inclui informações sobre as mulheres que moram sozinhas, indicadores referentes às crianças na primeira infância que vivem sob a responsabilidade feminina e dados comparativos dos Censos Demográficos de 1991 e 2000. Essas informações permitem o conhecimento da condição de vida das mulheres e sua situação na sociedade brasileira. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/>. Acessado em: 30 Jun. 2017.

Mesmos com esses grandes avanços e as diversas conquistas obtidas pelas mulheres na sociedade, nesse estudo queremos mostrar que alguns obstáculos ainda existem, no caso em especial, por parte da Igreja Católica, que ainda digeri lentamente todas essas informações. Fizemos várias entrevistas com mulheres do bairro Morro da Macambira, que são mães solteiras e revelaram seu dia-a-dia. As entrevistas foram destinadas as mães solteiras que tiveram dificuldades em batizar os seus filhos por conta das proibições contidas nas normas eclesiásticas.

Recortamos a década de 1990 por causa das possibilidades das fontes orais, ou melhor, por encontrar pessoas que vivenciaram essa época e se disponibilizaram para testemunharem a respeito de sua relação com a Igreja. Em específico, analisamos o ano de 1997, pois foi nesse ano que se deu a construção da Igreja Católica no bairro Morro da Macambira. Essa exclusão se dava por vivermos em uma sociedade fortemente autoritária e patriarcal, principalmente na década de 1990 e que ainda restam os resquícios na nossa contemporaneidade.

Já o ano de 2013 foi marcado por uma diminuição da burocratização do Sacramento do Batismo, do qual podemos destacar como o principal ícone religioso o papa Jorge Mario Bergoglio, mais conhecido como papa Francisco. Para algumas pessoas o papa Francisco é considerado como uma pessoa que tem a mente aberta para essas questões de gênero, visto que, ele tem buscado abrir as portas da igreja para as pessoas carentes e marginalizadas da sociedade.

Todas essas questões nos fazem problematizar a imagem da igreja Católica vista apenas como uma instituição que só inclui, quando na verdade nem sempre houve casos de inclusão e de atendimento aos mais carentes. Muitas vezes por causa de doutrinas específicas os fiéis ao invés de se sentirem incluídos, se sentiam excluídos. Por meio das fontes orais vemos que ela não se mostrava tão acolhedora assim, pois atitude como esta, de não querer batizar uma criança filho de mãe solteira não acolhe os fiéis, mas por outro lado os afasta de Deus, não cumprindo o papel da mesma.

Feito essas considerações partiremos para a estrutura do trabalho em si. Conforme a necessidade do tema iremos dividir a pesquisa em três capítulos. Na primeira vamos tratar sobre Religião, em específico a Igreja Católica de Picos. Escolhemos a Igreja Católica, pois é ela que possui mais adeptos no Estado do Piauí, assim também como na cidade de Picos, que desde sua origem apresenta uma relação muito grande com essa religião, como já citado.

Procuraremos abordar sobre a sua Religiosidade, ou seja, como os indivíduos reproduzem as suas cosmogonias e visões de mundo, gerando a tradicional dicotomia do discurso entre o Sagrado e o Profano. Aqueles que não fazem parte do seu universo simbólico são os “profanos”, assim também como aqueles que não se enquadram nos seus dogmas. Para melhor especificar podemos tomar como exemplo a mãe solteira, visto que, ela não podia participar de nenhuma atividade da igreja. Outro exemplo é as novas configurações de famílias, não reconhecidas pela igreja, pois o único modelo aceito e sacralizado é o da família nuclear.

Como referencial teórico sobre religião utilizaremos os conceitos do historiador das religiões Rubens Alves (1990) com sua obra intitulada “O que é religião”. Ele aborda em seu trabalho sobre a incorporação de novos elementos de crença, que a sociedade passou a aceitar, para além de uma crença em um só Deus. Cada cultura carrega sobre si sua crença religiosa. É interessante perceber que ele nos leva a pensar em um modo de ser das pessoas moldadas pelas suas crenças e subjetividade do que considera como o “sagrado”.

Todos eram educados para ver e ouvir as do mundo religioso, e a conversa cotidianamente, este ténue fio que sustenta visões de mundo, confirmava, por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas, que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual. (ALVES, 1990, p. 03)

Para o homem religioso cada coisa se revela dotada de um poder espiritual, através de um mundo encantado. Logo, era preciso que as pessoas estivessem dentro desse campo milagroso, ou dita em outras palavras, no campo sagrado. Dessa forma:

O universo físico se estruturava em torno do drama da alma humana. E talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido. (ALVES, 1990, p. 03)

Assim como as demais religiões, a Igreja Católica lutava para inserir a sociedade em seus moldes e visões de mundo, logo, ela tinha como objetivo estipular as principais regras que o mundo deveria seguir e quais as que precisavam mudar.

O autor nos relata ainda sobre o uso da identidade cristã, ou de se revelar religioso por parte da sociedade:

Confessar-se religioso equivale a confessar-se como habitante do mundo encantado e mágico do passado, ainda que apenas parcialmente. E o

embaraço vai crescendo na medida em que nos aproximamos das ciências humanas, justamente aquelas que estudam a religião. (ALVES, 1990, p. 04)

Para o religioso era preciso se auto afirmar como cristão e religioso, uma espécie de imaginário sobre a sua essência religiosa. Não estamos dizendo que a religião é apenas imaginação, ou apenas fantasia. Mas que ela tem o poder do imaginário. Nesse sentido, a sociedade busca dia após dia se inserir nesse imaginário do sagrado, do cosmo mágico. Um exemplo disso se dá com o próprio nome da Igreja Católica, que se refere ao universal, atingir todos os povos e nações em um mesmo plano religioso e ideológico.

A cosmologia eclesiástica é formada a partir de um conjunto de símbolos considerados para eles como sagrados, ou seja, “eles fornecem programas para os processos social e psicológico que modelam o comportamento público” e busca uma igreja que seja universal. Entretanto é a partir do pensamento “universal” da Igreja Católica que analisaremos as contradições de seu crescimento, pois de fato foi perpetuada na prática essa expansão através das várias igrejas construídas na cidade de Picos, mas que apesar de atingir uma maior acessibilidade para os seus fieis, ela muitas vezes se mostrava excludente, como veremos no terceiro capítulo.

No início do capítulo abordaremos sobre os aspectos gerais de Picos na década de 1990, entre eles, aspectos econômicos e sociais, com o propósito de entendermos o contexto da cidade da qual o bairro trabalhado está inserido. Percebemos que as diversas construções de igrejas foram frutos do crescimento demográfico e do desenvolvimento econômico da cidade. Como Picos na década de 80 possuiu uma população de aproximadamente 71.065 mil pessoas facilitou o objetivo da Igreja Católica de ser universal, pois várias igrejas foram construídas na década de 80 e 90. O desenvolvimento econômico também foi importante nesse processo devido a circulação monetária. Nesse mesmo capítulo veremos o processo de formação do referido bairro através da entrevista concedida por Neusa Maria de Sousa Araújo, uma das primeiras moradoras da localidade.

No segundo capítulo faremos uma discussão acerca dos novos modelos de família na contemporaneidade. Essas novas configurações familiar aos poucos vem sendo aceitas como tal, visto que, os discursos que ganhava eco no meio social era aquele ligado a igreja, que sacralizava o modelo nuclear de família. Em oposição a esse modelo defendido pela Igreja Católica podemos citar a família monoparental, constituída apenas por um dos cônjuges, pois ela seria incapaz de conservar o filho nos ensinamentos religiosos.

Nesse capítulo abordaremos também sobre a desigualdade gerada pela diferença de sexo. Sobre a mulher vinha uma carga cultural opressora, que não permitia essa atingir seu espaço na sociedade se não fosse por intermédio de um homem. É por isso que uma família liderada por uma mãe solteira não era bem vista. Não existia oportunidade para a mulher de firmar no mercado de trabalho e nem atingir uma carreira profissional. Outra coisa importante a ser discutida é sobre os papéis de gênero na cosmogonia religiosa, ou seja, o papel do homem ligado à figura de José, um homem trabalhador e provedor da casa. Já o da mulher era ligado na representação de Maria, mãe de Jesus. Esta teria que cumprir a sua missão enquanto mãe e esposa.

No terceiro capítulo entraremos com os relatos orais, metodologia principal do trabalho, para mostrar como era a relação das mães solteiras com a sociedade, suas dificuldades diante da ausência do seu cônjuge, principalmente na criação do filho, pois a criança vai crescer sem ter a figura de um pai. Sem contar que a ausência do pai resultará em maior dificuldade econômica. Depois disso mostraremos a relação dessas mães solteiras com a Igreja Católica do bairro Morro da Macambira, principalmente na questão do batismo, pois essas mulheres sentiam-se na obrigação de batizar seu filho, cumprindo o primeiro Sacramento da Igreja Católica e que mesmo sendo rejeitas elas procuraram outro meio para conseguir o batismo do seu filho, como, por exemplo, ir para outra igreja, mentido sobre sua situação matrimonial ou tendo a coragem de falar com o próprio padre que batizava as crianças.

Ao vermos o caso de uma das mães solteiras que conseguiu batizar seu filho em outra igreja, sem a necessidade de mentir ou tentar outros meios, nos mostra que o que ocorria no Morro da Macambira não era regra para todas as igrejas da cidade. Logo, percebermos que a Igreja Católica se mostra como um espaço de heterogeneidade, de variações doutrinárias de um espaço para outro. Já as estratégias para fugir dessas proibições e determinações religiosas utilizadas por aquelas que não conseguiram batizar seus filhos nos revela a importância que muitas dessas mulheres davam para a questão religiosa, ao ponto de procurar alternativas para conseguir se firmar no campo religioso.

CAPÍTULO 1

A Cidade Modelo: Aspectos gerais das décadas de 80 e 90

Antes de adentrarmos no cerne da pesquisa, queremos traçar uma visão panorâmica da cidade de Picos-PI na década de 1990, período do nosso recorte temporal, analisando questões importantes desse contexto, como, por exemplo, o desenvolvimento econômico e social. Nosso objetivo primeiramente é mostrar ao leitor como a cidade de Picos tem sido uma cidade marcada pelo desenvolvimento, que ganhou o título de “cidade modelo”³ e “capital do mel”⁴, e como ele teve influencia no bairro Morro da Macambira, principalmente referente ao crescimento populacional da cidade, pois as pessoas se sentem obrigadas a procurar outros pontos de morada para além do centro urbano. Feito isso mostraremos o aspecto mais marcante de Picos, que é a sua religiosidade. Com isso, faremos uma abordagem histórica de como o catolicismo cresceu ao longo dos anos na cidade e de como tem mantido sua hegemonia através da construção de igrejas nos bairros da cidade.

1.1 Aspecto econômico

Francisco Teotônio da Luz Neto (2003) no seu livro *Genealogia da família Luz* mostra alguns aspectos econômicos e assegurando que o município de Picos começou com base na pecuária, em razão das fazendas de criação de gado vacum. Como as suas terras nos baixões e áreas ribeirinhas eram dotadas de bom teor de fertilidade, começou-se a explorar a agricultura de forma mais intensiva e só nos últimos anos é que o setor industrial e do comércio tomaram maior impulso desenvolvimentista, sobretudo em virtude da crescente taxa de urbanização da cidade sede.

Na tabela a seguir mostra a produção da pecuária de Picos entre os de 1977 a 1999:

³ Recebeu esse título por causa do grande desenvolvimento econômico, social e cultural que atingiu, principalmente na área do comércio.

⁴ Picos recebeu esse título por possuir um potencial natural com clima favorável e uma flora bastante diversificada, o que a difere de outros lugares, dando assim as bases necessárias para a realização da atividade de extração do mel. Picos foi reconhecida com esse título pela Revista de circulação nacional Globo Rural (Abril/94) e pelo programa de TV Globo Rural (Dez/95) da Rede Globo.

Pecuária	1977	1980	1983	1985	1987	1990	1993	1995	1997	1999
Bovinos	30.972	33.910	23.425	35.666	38.487	39.551	35.851	39.605	15.592	15.732
Suínos	31.670	25.649	15.490	32.944	34.611	31.398	24.149	25.670	10.642	10.607
Equinos	2.415	1.673	1.569	1.632	1.713	1.534	1.383	1.462	432	431
Asininos	5.888	5.000	4.902	5.155	6.469	5.868	5.249	5.548	2.174	2.172
Muare	1.317	1.425	1.076	1.124	1.74	1.065	940	989	154	153
Ovinos	12.523	14.194	11.192	12.046	12.900	11.945	9.286	10.239	5.340	5.419
Caprinos	10.116	10.392	8.513	8.959	9.668	8.953	6.976	7.698	1.618	1.561
Aves	157.904	164.401	81.174	178.906	201.081	218.077	169.717	187.635	79.563	79.686

Arquivo: Produção da Pecuária de Picos entre os anos de 1977 a 1999.

Fonte: Genealogia da família Luz (2003), com base no IBGE.

No quadro acima percebemos o destaque da pecuária em Picos com a criação de aves e de bois. No ano de 1990 a atividade bovina chegou a 39.551 cabeças de gado e 218.077 de aves. Entretanto a pecuária e a agricultura já não eram as únicas atividades econômicas em Picos na década de 1990. Devemos considerar também a importância do mel como atividade lucrativa em Picos no final do século XX, que deu até título a cidade como, por exemplo, a “Capital do Mel”.

Segundo a monografia da Maria Lidiany Ferreira Veloso (2014), que trabalhou sobre a Apicultura em Picos, “é da atuação das abelhas e do trabalho dos apicultores que surgiu um dos principais ramos no desenvolvimento econômico do município” (VELOSO, 2014, p.22), isto é, a partir de 1980 a prática da apicultura se tornou mais forte, sendo até mesmo noticiado pelo Jornal Macambira, que foi um jornal da época:

O Jornal Macambira na década de 1980 já mostrava interesse no desenvolvimento da atividade. A propaganda acerca dos benefícios trazidos pela criação de abelhas, já registravam também a importância delas como um dos principais meios de fecundação das flores e ajuda nos trabalhos desenvolvidos na agricultura. Uma prioridade nem tanto pelo seu caráter ecológico, mas principalmente útil para a formação do lucro. (VELOSO, 2014, p.22-23)

A extração do mel na cidade de Picos, gerou uma atividade econômica vantajosa para os produtores e cooperativas, que passou do modo artesanal e atrasada para uma espécie de “evolução” desse setor. Pessoas viam essa atividade como sinônimo de progresso material e um modo de melhorar de vida:

Inicialmente a apicultura era vista como fonte de riqueza principalmente nas décadas de 1980 a 1990. Muitos apicultores ficaram bem de vida com a criação das abelhas, conseguindo uma vida confortável. Muitos relatam que

compraram propriedades, carros, eletrodomésticos proporcionando mais conforto a família. (VELOSO, 2014, p. 57)

A família Wenzel foi um dos pioneiros na construção da história apícola de Picos e foi através dela que a Apicultura na cidade teve progresso, pois a apicultura dessa família se encontrava em primeiro lugar no nordeste.

Dessa forma percebe-se que com chegada desses produtores, ocorre o desenvolvimento do ramo na cidade, trazendo renda e geração de emprego, tornando-se uma verdadeira riqueza natural a região, atraindo, assim, a participação de outros agentes sociais, acarretando o desenvolvimento e progresso ao município. Diante desse crescimento no setor apícola, surgem as cooperativas, como forma de apoio a produção e comercialização do mel em Picos. Pessoas de várias partes de Picos, assim, se deslocavam, diariamente, para trabalharem na indústria. Até mesmo alguns moradores do bairro Morro da Macambira se deslocavam nesse período para trabalharem no setor apícola.

1.2 Aspectos demográfico e social

Segundo Luz Neto (2003), a cidade de Picos tem apresentado crescimento considerável, com povoamento muito intenso, o que se observa pela densidade demográfica, que passou de 11,5 para 84,48 habitantes por quilômetros quadrado, de 1950 para 2000, tornando-se o mais populoso entre todos os que integram a Microrregião dos Baixões Agrícolas piauiense.

ANO	ÁREA GEOGRÁFICA	POP. TOTAL	POP. HOMENS	POP. MULHERES	POP. URBANA	POP. RURAL	DENSID. DEMOGR.	TAXA URBAN.	PEA
1950 2º lugar	4.756km ²	54.713 100%	27.133 49,6%	27.580 50,4%	4.568 8,3%	50.145 91,7%	11,5	8,35	-
1960	3.631km ²	50.102 100%	24.822 49,5%	25.280 50,5%	8.176 16,3%	41.926 83,7%	13,8	16,32	16.388 32,7%
1970 4º lugar	2.048km ²	52.747 100%	25.795 48,9%	26963 51,1%	18.092 34,3%	34.655 65,7%	25,76	34,30	16.039 30,4%
1980	2.048km ²	71.065 100%	34.476 48,5%	36.589 51,5%	33.098 46,6%	37.967 53,4%	34,7	46,57	24.327 34,2%
1991	1.858,7km ²	78.409 100%	37.625 48%	40.784 52%	45.571 58,1%	32.838 41,9%	42,18	58,12	27.890 35,6%
2000	816km ²	68.932 100%	33.133 48,1%	35.799 51,9%	52.514 76,2%	16.418 23,8%	84,48	76,18	-

Imagem 02: Gráfico sobre o aspecto Demográfico de Picos de 1950 a 2000.

Fonte: Genealogia da família Luz (2003), com base no IBGE.

Neste quadro, a população picoense nas décadas de 80 e 90 era respectivamente: 71.065 e 78.409. Percebemos aí nessas décadas um grande crescimento populacional comparado à década de 70 e que continuou a crescer em grandes proporções até a década de 90.

Entre os anos de 1950 a 2000 destacamos que a cidade de Picos, em relação a sua área, assim como da sua população total sofreu algumas alterações, onde é notada, por exemplo,

uma queda populacional entre as décadas de 1950 a 1960 e 1990 a 2000. O motivo dessa diminuição foi os desmembramentos de vários municípios que se deu. Segundo Luz Neto é:

[...] Pela necessidade imperativa de atender melhor as populações, aglomeradas em comunidades que se vão evoluindo e exigindo maiores atenções do poder público, começou o município de Picos a perder território para a formação de outros novos municípios, tais como Itainópolis, pela Lei Estadual nº1.925, de 12 de fevereiro de 1954, seguindo logo depois o município de Monsenhor Hipólito, que recebeu independência pela Lei nº 1.445, de 30 de novembro de 1956, e o município de Francisco Santos, que foi desmembrado pela Lei Estadual nº 1.963, de 09.09.1960. (LUZ NETO, 2003, p. 173)

Mais tarde outros municípios também se emanciparam como foi o caso de Santo Antônio de Lisboa, Bocaina e São José do Piauí em 1963, São João da Canabrava em 1988, Santana do Piauí em 1992 e em 1994 foram Geminiano e Paquetá. Com a redução de sua área geográfica nos últimos 50 anos o município picoense passou de uma área de 4.756 Km² para 816 Km².

Verificamos também que as mulheres nas décadas expostas no gráfico sempre foram maioria, permanecendo mais ou menos estável sua participação no espaço populacional em Picos. No gráfico a seguir nos proporciona uma visão mais detalhada dessa participação feminina no ano de 1991, distribuído por grupo de idade.

Grupo de Idade	Total	Homens	Mulheres
Menos de 1 ano	1.824	938	886
1 ano	1.838	926	912
2 anos	1.899	945	954
3 anos	1.889	983	906
4 anos	1.943	977	966
5 a 9 anos	9.722	4.884	4.838
10 a 14 anos	9.683	4.781	4.902
15 a 19 anos	9.057	4.301	4.756
20 a 24 anos	7.546	3.404	4.142
25 a 29 anos	6.698	3.029	3.669
30 a 34 anos	4.201	1.977	2.224
35 a 39 anos	4.201	1.977	2.224
40 a 44 anos	3.873	1.835	2.038
45 a 49 anos	3.247	1.521	1.726
50 a 54 anos	2.718	1.332	1.386
55 a 59 anos	1.988	924	1.064
60 a 64 anos	1.685	841	844
65 a 69 anos	1.381	666	715
70 a 74 anos	877	425	452
75 a 79 anos	595	280	315
80 anos ou Mais	474	213	261

Total da população	78.409	37.625	40.784
---------------------------	---------------	---------------	---------------

Tabela: Distribuição populacional por grupo de idade.

Fonte: Genealogia da família Luz (2003), com base no IBGE.

A partir da faixa etária dos 10 anos de idade as mulheres foram maioria, que no total soma-se 40.784 mulheres e 37.625 homens dentro de um total de 78.409 picoenses no ano de 1991. É interessante observar ainda que apesar de numericamente as mulheres serem maiores, a sua participação na política e econômica na cidade de Picos era menor que a dos homens, além disso, eram elas as que sofriam maior “controle” da sociedade, sendo tratada como inferiores aos homens.

Segundo a autora Sandra Jatahy Pesavento (2007), é no presente que surge a necessidade de pensar o passado de uma cidade, identificando suas principais características. Além do mais, temos a necessidade de está procurando resgatar nas nossas memórias o passado de outra época que não vivenciamos.

Mas essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no tempo do agora, seja através da memória/evocação individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. (PESAVENTO, 2007, p.16)

Nessa tarefa de investigador do passado é importante estarmos atentos à conjuntura, econômica, social e demográfica, que foi formada na década de 1990 na cidade de Picos, assim também as consequências desse crescimento da cidade sobre os bairros, que passaram a serem pontos de morada. O bairro Morro da Macambira, que até então era apenas uma comunidade pertencente ao bairro Ipueiras, foi uma opção de moradia para as pessoas, para além do aglomerado urbano, ou seja, com o grande crescimento demográfico e o aumento da valorização de casas perto do centro urbano e comercial de Picos, os bairros, em geral, por serem mais distantes do centro urbano, foram uma boa opção para essas pessoas se fixarem.

1.3 O Morro da Macambira na memória de Neusa Araújo

Para entendermos sobre a formação do bairro do Morro da Macambira, utilizaremos como base o depoimento dado por Neusa Maria de Sousa Araújo. Ela tem 76 anos de idade e atualmente é aposentada. Mudou-se para o referido bairro em 1958 e hoje é viúva, tendo sido casada com o finado “Nezim”. Ela tem 10 filhos e é aposentada, ainda reside no bairro com mais dois filhos em sua casa. Neste tópico a entrevista concedida por ela é nossa fonte primária. Acreditamos que a história oral é importante por nos proporcionar trabalhar com um

documento vivo, onde ela pode contribuir para construção da história do bairro através dos seus relatos sobre o início da povoação do mesmo, que, segundo o autor Michael Pollak:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (POLLAK, 1992, p.08)

Sendo assim, a fonte oral se torna importante para a análise do historiador, visto que, ele possui o mesmo valor documental quanto aos documentos escritos, pois, também, nos institui memória. Uma entrevista tem muito valor, de tal forma que é capaz de nos transmitir os sentimentos de uma pessoa que narra sobre algo que marcou a sua vida.

Segundo Alessandro Portelli (2009) esse momento da entrevista também se torna um desafio para aquele que cede o depoimento, pois:

A entrevista é também um desafio que colocamos ao entrevistado, porque ele tem que organizar a narrativa, o conto, a interpretação de sua vida de uma forma nova, de uma forma mais complexa e de uma forma que alguém que não faça parte da sua comunidade, possa entender. Então esse é o desafio: O de aprofundar a sua compreensão de sua própria história, sua própria experiência. (PORTELLI, 2009, p.10)

Araújo é considerada pelos populares como “a fundadora do bairro”, visto que, não é a pessoa mais velha em idade do bairro, entretanto é a mais velha de morada, sendo que, em 2017 fez 59 anos que ela veio morar no Morro da Macambira.

É importante ressaltar que esse discurso de “fundador do bairro” não era tão somente construída pelos moradores da localidade, mas também por ela própria, visto que, em vários momentos da entrevista ela destacava essa imagem de fundadora e que era assim que ela queria ser percebida pelo povo em geral.

Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.05)

Tendo em vista isso, se fez necessário entrevistá-la com o intuito de entendermos como se deu o processo de ocupação do bairro. Em 1958 foi o ano que ela chegou à comunidade, quando perguntada a respeito da denominação dada ao bairro, afirma que o mesmo recebeu esse nome devido ser uma área que tinha alguns pés de macambira, que é uma planta que está presente na caatinga do Nordeste, contudo, segundo Araújo (2016), haviam poucos pés de

macambira, “somente numa área onde hoje é o cemitério tinha um pouco mais”. O local era cercado por matagal, predominando um pé conhecido como “Pereiro Preto”, que também é típico da nossa região.

O Morro da Macambira recebeu esse nome, ah sim, ele tinha um pouco, muito pouco, ainda conheci, muito pouca macambira, dois pezinhos aqui onde é o colégio, ai diz que lá em cima onde é o cemitério tinha, mas aqui em baixo eu só conheci os dois pezinhos de macambira, ai por isso ai. Quando eu conheci o Morro já foi entendido como Morro da Macambira, como me entendi no mundo. (ARAÚJO, 2016)

Quando ela chegou havia somente duas casas em cima do Morro, a da sua sogra e a do seu cunhado e outra mais embaixo, que era do finado João Araújo. Hoje, somente seu cunhado Armínio é vivo (que se mudou para outra localidade), os demais já são falecidos.

Sobre o início da ocupação do Morro, ela nos deu duas razões para isso, a primeira é justificada pelo fato da venda de terrenos, que começaram a ocorrer após a morte de sua sogra que era a dona de boa parte da região:

A ocupação foi isso, é porque não, enquanto era da finada (sua sogra) ela não vendia né os terrenos e quando os filhos tomaram de conta do Morro, dos seus terrenos, ai foram vendendo, vendendo, vendendo bem baratinho, mas era o valor daquele tempo. (ARAÚJO, 2016)

Ainda hoje vemos que vários terrenos do bairro Morro da Macambira e Ipueiras não foram vendidos, principalmente os terrenos pertencentes ao pessoal mais idoso. Uma justificativa para isso se dá pelo fato deles terem a preocupação de deixar um pedaço de terra para cada um de seus filhos, para quando morrer deixar uma herança a ser repartida. Esse foi um dos fatores pelo qual o Morro da Macambira ter sido realmente ocupado a partir da década de 60, pois até então a grande parcela da localidade pertencia à sogra de Araújo, mãe de seu esposo, e a “outra parte pertencia ao finado Evaristo”, que, segundo ela, estes não vendiam os terrenos para ninguém. Antes da sogra de Araújo falecer deixou um testamento ainda em vida para seus filhos, para evitar um conflito familiar referente à divisão dos bens.

Tendo dividido suas propriedades e os repartidos entre os filhos o bairro começou a crescer, pois alguns iam vendendo, outros trocando, como foi o caso da própria depoente que relata ter trocado uma casa por uma bicicleta. “Era o preço daquela época”, como a circulação monetária era escassa, as compras de casas muitas vezes se davam através do sistema de troca, trocava-se “aquilo que não tinha tanta precisão por algo que se tinha necessidade”.

A segunda versão do processo de ocupação foi as constantes enchentes geradas pelas cheias do rio Guaribas, com destaque para a primeira grande enchente de 1960, que fazia com que várias pessoas encontrassem no Morro um local de refúgio:

Ai foi comprando esses terrenos e foi fazendo casa. Ai foi crescendo o Morro através disso. Em sessenta as casas caíram todas da Ipueiras, ai subiram todos para cima do Morro. [...]foi a enchente de sessenta. A primeira enchente foi em sessenta, foi a primeira enchente grande que aqui aonde nós tava veio água do rio. Veio até aqui, no pé do morro. Era daquele pé de morro ali subindo onde mora o povo de Zequinha, ali nas primeiras casas e aqui nesse pé de morro. (ARAÚJO, 2016)

Araújo nos explicou que em sessenta houve uma grande enchente que desabrigou várias famílias. Essas informações são confirmadas por Sousa e Elia (2012):

As cheias do rio eram motivo de preocupação todos os anos, pois frequentemente casas ficavam debaixo d'água e famílias desabrigadas. Mas no ano de 1960, ocorreu um desastre no município, com a inundação de todo o centro urbano e adjacências, constituindo um momento de desespero para a população picoense, que nunca tinha visto aquilo acontecer na cidade. (SOUSA, ELIA, 2012, p.06)

As enchentes ocorridas na cidade de Picos geralmente ocasionavam vários estragos para os moradores da área central da cidade. Frequentemente as casas ficavam debaixo d'água e várias famílias eram obrigadas a procurar refúgio em outros locais não atingidos pelas águas, como foi o caso da comunidade Morro da Macambira, que até então era pertencente ao bairro Ipueiras. É interessante notar que a partir de então os moradores dos bairros atingidos pelas enchentes começaram a se distanciar das margens do rio Guaribas, alguns se mudando para os morros presentes na cidade de Picos:

Durante os anos 70, os moradores continuaram a ser assolados pelas cheias do rio, mas nada como o fato ocorrido na década anterior. Os moradores se distanciam um pouco da margem do rio, procurando os morros da cidade para morarem, as regiões mais altas, dando uma nova configuração espacial e urbanística à cidade. (SOUSA, ELIA, 2012, p.08)

A partir desses motivos o Morro da Macambira passou a ser uma boa opção para fugir dessas grandes catástrofes naturais. Como na década de 60 tinha poucas casas, Araújo na época colocou mais de “cinco famílias dentro de sua casa, que apesar de ser pequena, foi suficiente para abrigar os necessitados”.

Segundo a depoente com o crescimento populacional na década de 70 o Morro passou a ter aproximadamente 20 famílias habitando nele e como a comunidade ainda não possuía água e luz no ano de 1978, João Martins da Luz, que era um dos moradores mais antigo, conhecido

como seu Nicó, “furou um poço no quintal de sua casa” e também instalou uma rede de energia, que “disponibilizava água e luz para os moradores”. Seu Nicó deixou boas lembranças aos moradores da sua contemporaneidade, exemplo de bondade que está gravado em várias memórias, como é o caso de Araújo. Essa identificação dos pais ancestrais nos faz lembrar Pesavento (2007) quando esta fala sobre o processo de invenção do passado:

É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus pais fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo mitos. (PESAVENTO, 2007, p.16)

Ao longo da entrevista Araújo foi identificando os seus contemporâneos, as pessoas que fazem parte da sua memória e que jamais poderia ficar de fora de sua invenção do bairro Morro da Macambira. Segundo Portelli (2009) esse ato de confiança ao narrar sua história de vida se dá, sobretudo, pelo relacionamento para além do gravador, ou das intenções políticas acadêmicas.

(...) Pois a relação entre o entrevistado e o entrevistado não se acaba ao desligar o gravador ou a câmera de vídeo; ela continua na responsabilidade que nos confiam no momento em que nos dão de presente ou nos emprestam essas palavras, esses contos que não nos pertencem(...). (PORTELLI, 2009, p.06).

Com o crescimento demográfico, as autoridades públicas começaram a investir no bairro. No ano de 1996 foram asfaltadas as principais ruas e veio à iluminação pública no mandato do Prefeito Abel de Barros Araújo, que era o prefeito da época. Além disso, foi construída uma escola e uma pré-escola com o objetivo de trazer o desenvolvimento educacional para o bairro.

Os moradores além de gozar das instituições de ensino, passaram a projetar uma instituição de caráter religioso, para que as pessoas pudessem, pelo menos na teoria ou no plano do discurso, ter uma igreja próxima. A construção da Igreja Católica no bairro foi algo que estava inserido em um projeto maior, ou seja, a cidade de Picos, principalmente na década de 80, havia um número de católicos surpreendente, ou melhor, sempre foi uma cidade católica, entretanto era preciso se expandir, na intenção de está impondo suas regras a toda a sociedade em geral.

1.4 A Igreja Católica no bairro Morro da Macambira

O crescimento da Igreja Católica traz consigo algumas problemáticas e contradição. Alguns explicam (os religiosos) que o crescimento se deu através da necessidade que ela tinha de “atender” todos os bairros picoense, no sentido de dá maior assistência espiritual, de está a par das necessidades de cada bairro e povoado. Para que essa “assistência” se perpetuasse na prática e facilitasse assim o processo de acompanhamento das pessoas a Igreja passou a construír mais templos e com isso atingir o próprio termo católico, que equivale a atingir a todos. Essa era a imagem que a igreja buscava repassar.

Outra explicação para o crescimento nos diz respeito a questão do monitoramento, ou seja, para que a igreja pudesse está acompanhando de perto a execução das suas normas e se os Sacramentos estavam se cumprindo na íntegra realmente.

Ao analisar os casos das mães solteiras e sua marginização por parte da igreja, vemos que essa segunda explicação nos parece ter mais sentido, pois, após a construção da Igreja Católica no bairro Morro da Macambira ela se ajustou na sociedade como excludente e não necessariamente como acolhedora, mesmo depois da grande expectativa que foi posta nela durante a construção. Vale ressaltar que a exclusão não se fazia de forma geral e indiscriminada, na verdade ela se dava para aquelas pessoas que tinham algum comportamento fora do que era considerado correto.

Assim, como já foi falado anteriormente, o objetivo principal da Igreja Católica era o de “atender” as necessidades espirituais no espaço que ela está inserida, através da evangelização. A construção da Igreja Católica do bairro Morro da Macambira também tinha essa mesma linha de expectativa, pelo menos na teoria. Sobre a construção da referida igreja utilizaremos a Ata que tem como título “Histórico da Igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida” feito pela professora Maria Helena Araújo Luz, em 10 de outubro de 2002.

Este documento é importante, para nós historiadores, pois nos ajuda nesse processo de investigação do passado sobre a construção da igreja e a vermos o interesse da comunidade religiosa de resguardar a memória dos personagens envolvidos na obra.

A história resulta da preocupação que o homem tem, de reconstruir o passado, relatando os acontecimentos, por meio de uma seleção de fatos, considerados relevantes e a partir de uma ordem cronológica, situada nas mudanças históricas, políticas e sociais. Assim é que foi registrado nas Sagradas Escrituras, a história do povo de Deus. Dessa forma, objetiva-se elucidar um dos mais importantes capítulos da história religiosa desse povo, que tem uma população de aproximadamente 800 habitantes. É composta de

peças humildes, de sua grande maioria de baixo poder aquisitivo e por se tratar de um lugar periférico, recebe constantemente imigrantes das mais diversas regiões circunvizinhas. Mas graças ao forte espírito de religiosidade, dos moradores mais antigos desta localidade, é que permanece viva, a presença de Deus no meio deste povo. (LUZ, 2002, p.02)

Este documento traz dados sobre a construção da Igreja Católica no referido bairro, desde a compra do terreno até o término da obra, além dos personagens que tiveram participação para que ele viesse a ser concretizada. Ou seja, não foi uma obra de poucos, mas pelo contrário, foi uma construção que envolveu uma grande parte da comunidade.

Nas palavras da Maria Helena Araújo Luz (2002), a comunidade do Morro da Macambira era marcada pelo *forte espírito de religiosidade*, antes mesmo de haver uma instituição religiosa presente na comunidade. Por um longo período de tempo, esta comunidade cristã participou de atividades religiosas na cidade de Picos-PI, nas Igrejas: Sagrado Coração de Jesus, Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Matriz da Diocese de Picos que já foi abordada) e posteriormente na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no mesmo bairro Ipueiras (zona baixa do bairro).

Logo é em decorrência do aumento da população do bairro e em virtude da grande necessidade da “participação desse povo nas atividades sociais e religiosas”, as lideranças cristãs desta localidade se inquietaram e tomaram a significativa decisão de construir uma Igreja. Isso foi um sentimento adquirido pelo viver urbano, que se objetivava, cada vez mais, ter no bairro tudo que é preciso em uma área urbana, tanto na questão do lazer, educacional, cultural e também religioso. É nesse sentido que Pesavento (2007) nos afirma:

A cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivo, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p.14)

A primeira reunião, registrado na Ata, aconteceu no dia 07 de julho de 1996 na residência de Sr. João Martins da Luz (seu Nicó) um dos mais antigos moradores, que apoiado pela família representou a peça fundamental na realização deste tão almejado objetivo.

Segundo Rubens Alves (1990) era essa motivação que trazia as pessoas uma luz no fim do túnel, uma esperança de dias melhores:

É verdade que os homens não vivem só de pão. Vivem também de símbolos, porque sem eles não haveria ordem, nem sentido para a vida, e nem vontade de viver. Se pudermos concordar com a afirmação de que aqueles que habitam um mundo ordenado e carregado de sentido gozam de um senso de

ordem interna, integração, unidade, direção e se sentem efetivamente mais fortes para viver (Durkheim), teremos então descoberto a efetividade e o poder dos símbolos e vislumbrado a maneira pela qual a imaginação tem contribuído para a sobrevivência dos homens. (ALVES, 1990, p. 15)

Ter uma igreja era sinal de esperança, de conforto em meio ao caos. Por isso que, Segundo Maria Helena Araújo Luz (2002), o objetivo desta primeira reunião foi discutir sobre uma proposta da compra do terreno, para a construção da Igreja. E graças a um bom entendimento, os participantes, por unanimidade, chegaram a um acordo com o dono do terreno, o Sr. Agenor Antônio da Luz que cedeu uma área de terra de 15m², no valor de R\$ 2.000. Uma área central do bairro bem localizada.

Nº da Prestação		Data de pagamento
Primeira Prestação	R\$ 550,00	27 de Julho de 1996
Segunda Prestação	R\$ 450,00	04 de Setembro de 1996
Terceira Prestação	R\$ 400,00	23 de Outubro de 1996
Quarta Prestação	R\$ 300,00	30 de Novembro de 1996
Quinta Prestação	R\$ 300,00	31 de Dezembro de 1996

Fonte: Arquivo da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, 2002.

A partir da primeira reunião que ficou decidido a compra do terreno deu início à mobilização dos moradores da comunidade para arrecadar fundos para pagar o terreno e os materiais para o início da obra. Com isso, através de leilões, bingos e doações o terreno foi pago em cinco prestações, conforme a tabela acima. Alguns personagens foram destacados na Atla por sua ajuda na construção e que ainda hoje são lembrados pelos moradores do bairro como foi o caso do Sr. João Martins da Luz, o Sr. João Francisco Pimentel, que apesar de sua idade avançada não deixava de está ali ajudando do que lhe era possível, Manoel Francisco de Araújo Pimentel, que era um dos moradores mais antigos da localidade, Hilda de Macêdo, Albertino, Maria dos Humildes e os demais familiares descendentes do Sr. João Araújo e do S. Serafim, entre outros mais. Todas essas pessoas eram residentes no próprio bairro e com sua ajuda a obra foi edificada.

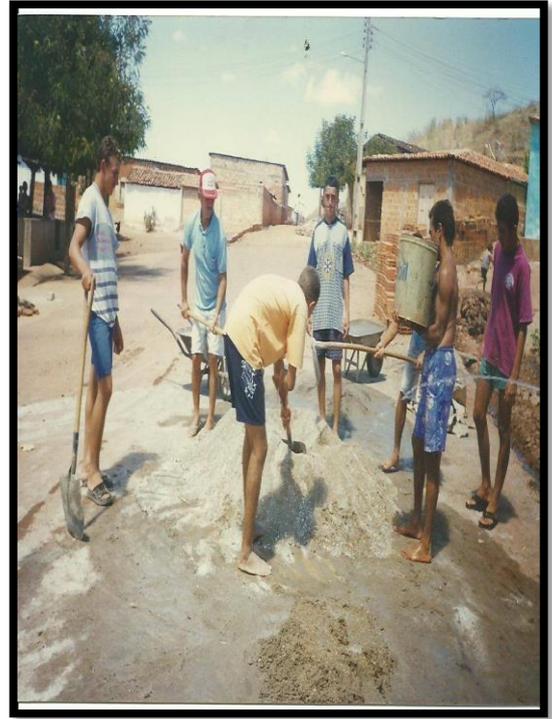
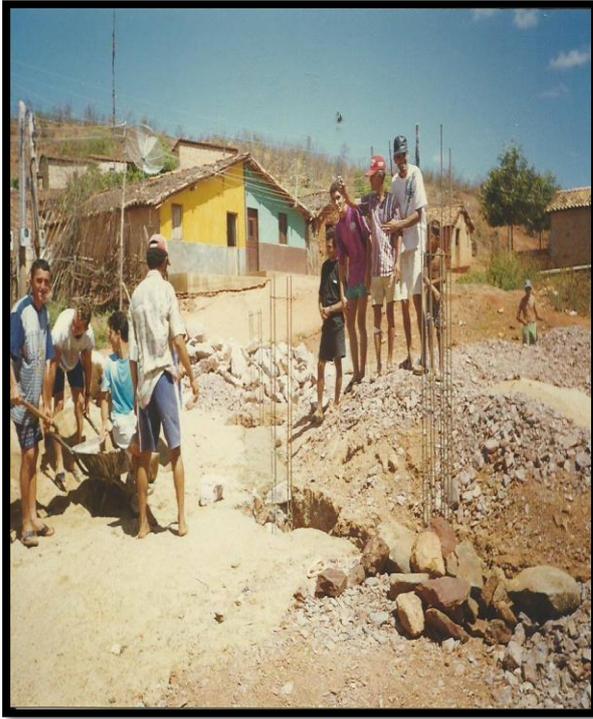


Imagem 04 e 05: Início da construção da Igreja Católica no bairro Morro da Macambira, 1997.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Vilma Macêdo Santos.

Nas imagens expostas acima podemos ver a participação do povo na construção da Igreja, que envolvia em um mesmo projeto, pessoas das mais variadas faixas etárias que com vigor e entusiasmo ajudavam no projeto, que mais tarde seria uma Igreja, um espaço religioso que agora “seria deles”, pois esse era o imaginário construído, a de uma igreja pertencente a todos. Outra coisa importante que queremos destacar também é a presença feminina desde o início da obra.



Imagem 06: Construção da Igreja Católica no bairro Morro da Macambira, 1997.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Vilma Macêdo Santos.

Percebemos na imagem a presença de várias mulheres, além dos personagens que já foram citados, como é o caso do Sr. Pimentel (primeira pessoa do lado esquerdo) e do Sr. Nicó (ao lado do Sr. Pimentel). Vemos também na imagem a presença do padre Francisco Pereira Borges, mais conhecido como Pr. Chiquinho. Ele foi importante nesse processo, pois iria assumir a igreja logo após o seu término. O padre Afonso também foi importante nesse processo de construção.

O padre Afonso Calamari, missionário da Itália, foi um personagem fundamental para a construção da Igreja. Segundo Araújo (2016) “o padre Afonso era um padre esforçado, o padre Alfredo, ele teve aqui na Igreja. [...]Eu sei que forte mesmo era o padre Afonso”. Ele ajudava de todas as formas, até mesmo trazendo dinheiro em dólares.

Achamos necessária a utilização das imagens, pois como afirma Marta Emisia Jacinto Barbosa, as imagens que são tiradas por uma pessoa tem uma intenção, que é dá visibilidade a um determinado personagem:

A ação de registrar em imagens as pessoas que compõem a série foi pensada para que a sua realização se estendesse para além do momento em que o disparador fosse acionado. A ação de tornar os anônimos visíveis e dar-lhes uma narrativa é apenas o princípio de um texto. (BARBOSA, 2004, p.98)

Desta forma, o personagem aqui é o padre Afonso e a intenção da foto é de trazer a memória os seus feitos durante a construção da Igreja. Outra coisa importante a ser mencionada é de que a construção dela se deu através de mutirões de pessoas do próprio

bairro. A primeira missa foi realizada no baldrame que mais tarde seria a Igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A obra teve o seu término no ano de 1998, dando início aos primeiros trabalhos. Pelas várias fotos que já foram expostas acima percebemos a alegria dos moradores, pois essa alegria não era gerada pelo dinheiro, mas pelas relações fraternais de uns para com os outros. E mais, essa alegria se dava também pelo fato de poder ter uma instituição de caráter religioso que os acolhesse e que desse toda assistência aos oprimidos e marginalizados da sociedade, mas que, entretanto, isso não se concretizou de fato. A obra foi concretizada, porém seus objetivos não.

As imagens só fazem sentido quando vêm acompanhadas da escrita, isto é, o papel do historiador é fazer a articulação entre imagem e texto. Barbosa (2004), a partir de sua análise de documentos e imagens de jornais, nos mostra que essa divulgação de imagem nos institui memória: O trabalho com essas fotografias sugere pensar na construção de uma memória que começa a se forjar na articulação entre textos escritos e imagens.

Com a implantação da igreja no bairro da Macambira podemos dizer que os moradores não precisaram mais se deslocar para outros lugares, visto que, ela tem a responsabilidade de “atender” as necessidades espirituais de todos e ter uma boa relação com os fiéis. Na teoria a Igreja tem como objetivo também inserir as pessoas ainda mais no seu meio social, dando valor aos marginalizados e oprimidos, isto é, acolher e congregar todos em um só propósito, em amor e respeito, formando assim, uma comunidade religiosa.

Entretanto veremos que ela não conseguiu atingir seus objetivos por completo, pois, mesmo fazendo seus discursos de uma “Igreja Acolhedora”, houve aqueles que não acharam espaço, conforto e amor dentro da Igreja. Logo, segundo o estudioso da história das religiões:

Persiste a mesma função religiosa. Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia com a natureza, por mais disfarçadas que estejam nas máscaras do jargão psicanalítico/psicológico, ou da linguagem da sociologia, da política e da economia, serão sempre expressões dos problemas individuais e sociais em torno dos quais foram tecidas as teias religiosas. (ALVES, 1990, p. 05)

É esse imaginário que a religião provoca nas pessoas, o sentimento de paz e de esperança de dias melhores. Apesar das promessas de uma paz que iria vir com a construção da igreja no bairro acabou gerando frustrações, pois:

E esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião

se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem o seu mundo. (ALVES, 1990, p. 10)

Essa mesma rede de símbolos que gera alegria é a mesma que causa a opressão do outro, enquanto uns conseguem se adaptar ao sistema dito sagrado, outros que não tem a mesma facilidade de se enquadrarem nas normas (por motivos do seu status civil, por exemplo) eram oprimidos.

Para aprofundar melhor a nossa pesquisa iremos mostrar como os discursos religiosos tendem a divulgar apenas aquilo que suas cosmogonias e doutrinas aceitam, como, por exemplo, as novas configurações de família para além do modelo de família adotado pela Igreja Católica, como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

O QUE É FAMÍLIA, AFINAL?

A família, a instituição mais "sólida" desde os princípios da era cristã, reforçada em sua antiga forma patriarcal pelas religiões ocidentais, conheceu desde então grandes transformações que até hoje não conquistaram unanimidade similar a daquele tipo de sociedade repressiva e autoritária de então. (PRADO, 1982, p.64)

Neste segundo capítulo abordaremos questões sobre família, entendendo até que ponto os discursos sobre ela visam interiorizar na sociedade um único modelo como padrão, modelo este ligada a tradicional família nuclear formada por pai, mãe e filho. Em contraposição a isto, veremos os novos arranjos familiares. Entendemos por esse termo a constituição de novos padrões estruturais para além da constituição familiar tradicional citado. Um exemplo desses novos arranjos familiares é a família monoparental, formada por um dos pais e o filho.

Outra questão ligada à família que trabalharemos nesse capítulo é a questão dos estereótipos sobre os papéis de gênero dentro da casa, onde a pai é tido como chefe e mantenedor e o papel da mãe está relacionado apenas ao âmbito doméstico. Essas representações de gênero ainda se apresentam como tal nos dias atuais. Entretanto, veremos que diversos fatores tem contribuído para o surgimento de novas representações, como é o caso da inserção da mulher no mercado de trabalho, assumindo assim a dupla jornada.

Um dos autores que podemos abordar nesse segundo capítulo que trabalha sobre família é a Célia Chaves Gurgel do Amaral (2001), com seu livro intitulado como "Família às avessas". Sua obra é importante por nos mostrar como os adolescentes, nas suas relações familiares e em comparação à fase da vida que vivenciam, constroem representações sociais de gênero, onde geralmente reproduzem representações estereotipadas pela sociedade e em especial o modelo de família fossilizado na sociedade.

Normalmente concebida como o núcleo da sociedade, o modelo idealizado para consolidar os valores sociais, a família precisa ser "virada às avessas" para mostrar as contradições inerentes ao seu cotidiano enquanto *locus* de construção da desigualdade entre homens e mulheres. (AMARAL, 2001, p.10)

Devemos nos atentar para algumas questões nessa citação como, por exemplo, a família tida como núcleo da sociedade, ou seja, defende-se a ideia que é por meio da família que as crianças aprendem o verdadeiro valor da vida, assim também como a educação necessária

para se viver em sociedade. Acredita-se que é na família que as crianças devem aprender os valores morais e religiosos.

Outra coisa importante a destacar é que muitas vezes esses valores que são repassados de pai para filho acabam gerando no filho uma percepção errada sobre as questões relacionadas ao gênero, ou, se não errado, uma visão que limite esses papéis, como por exemplo, o papel da mãe limitada ao âmbito doméstico. São essas questões que norteiam a pesquisa, visto que, essa família tida como tradicional, recria, passa para os seus filhos muitas vezes o preconceito para aquelas que não se incluem nesse padrão, como é o caso das mães solteiras.

Tudo isso acaba gerando uma representação de gênero. Entendemos o seguinte termo como: a categorização de mundo em função do sexo biológico, considerando a condição sexual como diferença para exercer algo. Segundo a autora Rachel Soihet (1997):

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (SOIHET, 1997, p.404)

É seguindo essa perspectiva que destacamos aqui as relações de gêneros, ou melhor, as relações baseadas nas diferenças de gênero. Como a própria autora destacou na citação acima, o termo “Gênero” tem sido usado para teorizar a questão da diferença sexual. É interessante notar ainda que ela vem marcada por discriminação do sexo feminino, como veremos no decorrer do capítulo.

A autora Amaral (2011, p.11) destaca ainda que “a família é *locus*, onde muitas das categorizações são introjetadas e, ela própria, estabelece referenciais para as categorizações de mundo”, e que a partir disso os adolescentes podem ter uma educação que se pretenda com diferença de gênero principalmente gerados nos espaços sociais, escolar, nos grupos de amigos, colegas de escola, vizinho e no ambiente familiar, como já citado. Os membros familiares, dessa forma, são treinados desde criança, com base na noção de *locus*, a aceitarem os padrões designados para cada um dos gêneros, isto é, a família contribui para reforçar os modelos sexuais reproduzidas e impostas pelo sistema social, ou o meio que esta família está inserida.

É no espaço familiar que o indivíduo interioriza as normas e valores, baseados em sua relação familiar, onde os pais são responsáveis por permitir/proibir uma criança para uma determinada ação. Ou dita em outras palavras, às representações sociais são afetadas pelas ações dos indivíduos em relação com o mundo em sua interação da vida cotidiana.

Devemos nos atentar que essa categorização de mundo acaba levando para uma inferiorização da mulher em oposição ao homem, onde muitas vezes, a mulher é tratada como um sexo mais frágil e que, portanto, o homem tem que ser o líder e chefe da família. Por essa posição inferiorizada a mulher fica desvalorizada no contexto social, com espaço limitado para atuar em diversas áreas da vida humana. Tudo isso são construções sociais gerados a parti do sexo biológico, onde cada coisa é identificada de acordo com o ser masculino e feminino:

Assim, por exemplo, as formas de comportamento que os adolescentes incorpora, a preferência por determinados jogos, as permissões de acesso a certos locais, os horários apropriados para sair de casa, a escolha e uso de determinados tipo de roupas e de outros objetos, são identificados como feminino ou masculino segundo hábitos culturais e a aprovação do meio social. (AMARAL, 2001, p.25)

É interessante notar que as práticas sociais com distinção de sexo acabam gerando uma norma na sociedade sobre o que se deve ser aceito ou não, caso essa norma que limita cada coisa pelo sexo for mudada haverá um repúdio por parte dessa sociedade, assim também como agressão simbólica.

2.1 Famílias alternativas⁵

Alguns estudos têm contribuído para a formação da história da família no Brasil, estes vêm para nos esclarecer sobre o que é a família, como existiu, ou melhor, como era sua configuração, ou arranjo familiar e os diversos modelos existentes atualmente. As famílias têm se evoluído e modificado, existindo assim diversas concepções do significado social dos laços estabelecidos entre grupos ligados pela consanguinidade.

Outra autora que também aborda a temática família é a Danda Prado (1982) em sua obra “O que é família”, mostrando, sobretudo a dinâmica familiar e os modelos de família

⁵ Esse tópico foi intitulado baseado na definição feita pela autora Danda Prado, que também utilizou esse termo em seu livro “O que é família” para designar as famílias que não são compostas necessariamente por pai, mãe e filhos.

alternativa. É importante frisar que todas essas questões de gênero ainda vinham marcadas pela forte marginalização da mulher não só na sociedade, como também dentro do próprio lar, em sua esfera privada. Segunda a autora:

Os tipos de família variam muito, como veremos no decorrer destas reflexões, embora a forma mais conhecida e valorizada de nossos dias seja a família composta de pai, mãe e filhos, chamada família "nuclear", "normal" etc. Este é o nosso modelo, que desde criança vemos nos livros escolares, nos filmes, na televisão, mesmo que em nossa própria casa vivamos um esquema diverso. (PRADO, 1982, p.08)

Se na nossa contemporaneidade, ainda é muito presente as enormes contradições sobre o uso do termo “família”, onde percebemos que alguns segmentos mais conservadores da nossa sociedade, como por exemplo, as igrejas, que defendem apenas um modelo de família, que é a tradicional família nuclear, ou seja, constituída por um pai, uma mãe e pelo filho, imagine como vinha sendo debatida todas essas questões na década de 1980, onde o extremismo em relação ao modelo familiar estava ligado a ideia de uma “sociedade boa” e de “bons modos”.

Além do mais, como nos diz a autora, é o modelo que desde criança vemos nos livros escolares, filmes, televisão e até mesmo dentro da esfera privada, onde predomina os discursos tradicionais sobre a família e silencia as novas configurações, ou, usando o termo da autora Amaral (2001), esses discursos, principalmente no seio familiar, são responsáveis pela a introjeção de uma “verdade absoluta” sobre o que é família, onde a criança ou o adolescente faz uso de representações de gênero de acordo com suas experiências familiar.

Mas mesmo com essas dificuldades dos debates sobre uma família alternativa, Prado (1982) nos mostra que ela se apresentou de vários modos, ora adaptando-se, ora se apresentando como uma configuração familiar alternativa:

São indicativas de experiências ou de abordagens científicas do comportamento humano e influem diretamente na evolução e na transformação dos costumes. Seria difícil tentarmos aqui distinguir as principais características que as diferenciam das formas tradicionais. (PRADO, 1982, p.19)

Mesmo diante destas dificuldades a autora cita algumas características de outros tipos de família, para além das experiências de vida em comunidades, existindo ainda outras formas que não são consideradas como tal, porque não cabem nos conceitos clássicos de família. Diante das características citada por ela podemos perceber que muitas coisas mudaram até

aqui, principalmente por meio do movimento feminista, mais ainda vemos muitas coisas que não mudaram, como veremos a seguir.

A primeira destacada por ela é a família criada em torno de um casamento dito "de participação", ou seja, é uma maneira de ultrapassar os papéis sexuais tradicionais. Nessa perspectiva ambos os sexos tem o mesmo direito de participação de tarefas, tanto em casa como fora dela. O que está em foco nesse tipo de família é a participação da mulher no mercado de trabalho, tendo os mesmo direito e oportunidades que seu marido. Nos dias atuais, podemos concluir que muitas coisas têm sido mudadas graças aos movimentos feministas no Brasil, onde a mulher a cada dia tem conquistado seu lugar em atividades profissionais e assim ganhado sua independência econômica.

Essa inserção da mulher no mercado de trabalho resultou por um lado sua independência econômica, mas por outro lado ela teve que assumir uma dupla jornada de trabalho, pois, enquanto as mulheres ultrapassaram as limitações impostas a elas, algumas barreiras ainda permanecem de pé, como, por exemplo, a participação do homem em atividades domésticas. Como agora a mulher é também responsável pela manutenção da casa, agindo juntamente com o marido na área econômica, o marido por sua vez deveria está presente também no âmbito doméstico, quebrando seus preconceitos. Apesar de todas essas questões de gênero ser debatidas em nossa sociedade, algumas mudanças como essas tem sido lenta e gradual.

O casamento dito "experimental" se dá através do relacionamento entre os cônjuges, coabitando por logo tempo sem o contrato civil, onde estes passam a legalizar depois do nascimento de um filho. Depois de casados, o pai, a mãe e o filho formam uma família nuclear. Esse tipo de relacionamento tem se tornado muito comum em nosso meio. Uma justificativa para isso se dá através de argumentos pautados na ideia de confirmação, ou em outras palavras, se aquela pessoa é realmente a pessoa ideal para se casar. Essa confirmação muitas das vezes é legitimada, como já citado, pelo nascimento do filho. Outro modelo citado pela autora é o baseado na "união livre". Em alguns aspectos, é semelhante à escolha anterior, mas caracteriza-se pela intenção de recusar a formalização religiosa e a legalização civil, mesmo com a presença de filhos. (PRADO, 1982, p.21)

Esse tipo de família é comum na cidade de Picos e, em específico, no bairro Morro da Macambira. Esse modelo de família é baseado na união entre duas pessoas, sem ter o compromisso de passar por um casamento civil e nem muito menos por uma oficialização

religiosa. Além do mais, esse modelo se diverge do outro por nunca ter por propósito a legalização civil, mesmo em caso de filhos. Segundo essa perspectiva, o casal estaria preparado para terminar a relação, se caso eles por alguns motivos não quisessem continuar com o relacionamento. Com o término do relacionamento o casal não teria a dificuldade em obter o divórcio, nem problemas decorrentes da separação de bens e nem burocracia relativo aos filhos menores, visto que, tudo isso poderia ser resolvido em consenso dos dois.

De certa forma, essa união livre tem seu lado positivo se levarmos em consideração que muitas pessoas consideram o casamento não como uma aliança que foi formada, mas um dispositivo de poder, principalmente por parte dos homens, onde muitos utilizam dessa união para sobrepor seu poder e assim agir de forma arbitrária. Ressaltamos também que muitas vezes essa arbitrariedade é legitimada pelos discursos religiosos, doutrinando os homens a ser o chefe da casa e as mulheres subordinadas aos seus maridos. É interessante notar que essas ideologias religiosas, do cristianismo em geral, gera até mesmo uma aceitação por parte das mulheres, onde esta é programada apenas para obedecer aos seus maridos. Até alguns anos atrás esse modelo de família alternativa era enormemente criticado, principalmente pelos mais religiosos, apesar de que ainda vemos no presente em nossa sociedade casos de discriminação de pessoas consideradas como “juntas”⁶, não legalizada na Igreja.

O último tipo de família citado pela autora é a “família homossexual, quando duas pessoas de mesmo sexo vivem juntas, com crianças adotivas ou resultantes de uniões anteriores”. Acreditamos que é o tipo de família alternativa mais criticada, visto que, não sofre discriminação tão somente dos adeptos do cristianismo, mas também de uma boa parcela da sociedade.

Amaral (2001) também corrobora com essa ideia dos novos arranjos familiar, ressaltando que não existe um único modelo da qual venhamos a definir de família. Ela nos chama a atenção para novos padrões estruturais, onde “o grupo familiar, enquanto uma instituição socialmente construída, não detém um modelo único de estrutura, de dinâmica ou de funcionamento” (2001, p. 25). Novos padrões surgem e é preciso estar atentos para aquilo que a sociedade denomina de família e para aquilo que ela não considera.

⁶ O presente termo é um desdobramento do significado do termo “amancebado”, onde este último não é mais usado na nossa contemporaneidade e é usado para definir um casal que não é casado na Igreja Católica, vivendo de forma não legalizada pela igreja.

É interessante notar que a autora trabalhou com as representações de gênero de vários adolescentes através de entrevistas, escritos, redações e desenhos, onde pode perceber também o sentimento de família de cada um, ou seja, por mais que existem em nossa contemporaneidade vários modelos, eles costumam ter um sentimento de família baseados em sua convivência familiar, assim também como por aquilo que eles aprendem dentro de casa e acaba transmitindo para outros adolescentes. Entretanto, os novos arranjos familiares se apresentam no meio de forma tradicional e que tendem a crescer, se manifestando em nosso meio.

É crescente o número de família que estão se formando sem o casamento civil. A preocupação das instituições do Estado se voltam para este fato discutindo, inclusive, questões que se colocam para uniões de pessoas do mesmo sexo. (AMARAL, 2001, p.26)

Outra questão importante dentro dessa discussão sobre família é sobre as limitações de gênero, isto é, a relação desigual dos sexos. Normalmente o homem domina o espaço público, alcançando sua satisfação profissional e econômica, já para as mulheres o que resta é uma imposição do espaço doméstico, ou seja, limitado apenas ao privado. A mulher além de ter que cuidar dos filhos e da casa em geral, ainda tem que ouvir o seguinte termo “ela não trabalha, apenas cuida dos filhos e da casa”, sendo inferiorizada por isso.

O que se dá para entender com isso é que as diferentes distribuições de responsabilidade e ações ainda são determinadas por sexo, continua educando as meninas para cuidar (da casa, dos filhos, do esposo) e os meninos programados para conquistar, enfrentar desafio e ter progresso profissional e pessoal. Essa superposição do homem sobre a mulher é notada também na área econômica, visto que, como estava reservado a ela somente o lar doméstico, não podendo ir para o espaço público, acabava por viver uma vida econômica dependente do seu cônjuge, onde muitas vezes ela teria que viver de forma a ser submeter e de humilhação.

Vale destacar também que existe na nossa sociedade o discurso de que “tal” mulher é para casar e a outra não. O perfil da “mulher para casar” seria aquela que se submete ao marido, que obedece a sua vontade, que leva sua vida apenas nos afazeres de casa, cuidando dos filhos e do marido, que tem uma vida moralmente correta. É aquela que fica apenas na esfera privada, dentro de sua casa, sem ter a escolha de ir para o mercado de trabalho ou de ter uma vida profissional. O perfil da “mulher que não serve para casar” é aquela mulher ativa na sociedade, que busca seu espaço econômico e profissional e que busca a igualdade de gênero, procurando eliminar as diferenças marcadas por ela.

Para, além disso, o sentimento de família que os adolescentes estudados pela autora expressaram nós trás uma noção significativa sobre o que eles pensam sobre a relação dos pais: “Portanto, bem presente nos discursos dos meninos e meninas, o “amor conjugal”, o “amor companheiro” ou o “amor romântico” representa a forma mais desejável pelos adolescentes para fundamentar a constituição da família”. (AMARAL, 2001, p.143)

Família não é só aquilo que se apresenta na nossa sociedade, para esses adolescentes, é o que se apresenta no espaço privado, no seu relacionamento com seus pais, ou ainda: é o que eles desejam dentro do espaço familiar. Eles expressaram o lar familiar como um local de amor compartilhado, romantizados, vivenciados conjuntos e, por último, um espaço igualitário. Essa última representação do espaço familiar dada pelos adolescentes é interessante por nos mostrar o que eles introjetaram, pois na verdade eles não reconhecem a realidade do lar família enquanto uma hierarquização de gênero. Talvez seja um anseio dos adolescentes ver sua casa como um local igualitário, entretanto, sabemos que em nossa sociedade atual e principalmente no início do século XXI isso não existiu e que ainda a uma forte resistência nos segmentos mais tradicionais da nossa sociedade sobre o espaço doméstico igualitário.

Um exemplo disso se dá com os discursos religiosos do cristianismo em geral, que ainda hoje permanece a ideia da mulher sujeita ao seu marido. Na verdade essa submissão ao marido não representa instabilidade familiar, nem muito menos ordem. Até que ponto uma mulher deve receber as imposições lhe imposta de forma passiva? O companheirismo não se apresenta por meio de imposição, mas de diálogo, de consenso entre ambas às partes. Se a mulher quer alcançar sua satisfação profissional, o casamento não deve ser um empecilho para isso.

Se a família, ou o sentimento de família, se dá através de um espaço de amor compartilhado entre os cônjuges, o que dizer de uma mãe solteira que por algum motivo passa a viver sozinha com seu filho? Ela, juntamente com seu filho, não representa uma família? É sobre isso que abordaremos no tópico seguinte.

2.2 Família monoparental

O termo “família monoparental” significa quando apenas um dos genitores vive com seu(s) filho(s) numa mesma casa. Como já havíamos destacado, o padrão familiar nuclear (constituído por pai, mãe e filhos) teve sua influência por muitos séculos da nossa sociedade, levantada ao longo da história como modelo ideal. Contudo, não há apenas um único modelo, existem outros arranjos, do qual já foram expostos no começo desse capítulo, mas que ainda, de certa forma, sofre preconceito por causa da sua configuração.

Objetiva-se nesse tópico mostrar que as concepções idealizadas da família tradicional vêm passando por mudanças, pois categorizar uma família apenas como conjugal e nuclear é insuficiente para responder os novos arranjos que vem sendo formado e as novas adaptações de relacionamentos. Um exemplo para essas mudanças podem ser entendidas através da inserção da mulher no mundo do trabalho, para além do espaço doméstico, que resultou em transformação na dinâmica e relações familiares. É nesse sentido que Amaral (2001) buscou trabalhar sobre a família às avessas, não no sentido de uma crise da família, como alguns teóricos tem adotado o termo, mas no sentido de que precisamos abrir a mente para a necessidade da inserção de novas formas de família, como, por exemplo, a família monoparental.

Segundo autora Ana Paula de Sousa (2008) a família monoparental sempre existiu na história da humanidade, seja pelo divórcio, separação, abandono, adoção ou, como era o caso mais comum, a monoparentalidade por viuvez, pois algumas pessoas, por terem uma idade avançada ou às vezes por opção mesmo, depois da morte do marido, escolhia permanecer sem um cônjuge. Outro ponto também importante a destacar é que essa modelo familiar vai contra a hegemonia da estrutura nuclear, não havendo uma existência de um relacionamento conjugal no seu dia a dia.

A existência da família monoparental que não detém a presença cotidiana do cônjuge masculino sempre se fez presente na história, porém, podemos considerar que essa estrutura familiar por vez esteve ocultada na historiografia brasileira já que ia de encontro com os padrões familiares de um contexto social centrado na nuclearidade como sendo o modelo da família brasileira. (SOUSA, 2008, p.41).

Devemos nos atentar também que dependendo do motivo as mulheres podiam ser mais ou menos marginalizadas. Outra questão importante é sobre o uso da palavra “mãe solteira”, pois, geralmente esse termo vinha carregado de uma enorme carga cultural. Ou, nas palavras da autora:

A idéia de “mãe solteira” estava estritamente ligada à imagem de adolescentes ingênuas e imaturas que engravidavam e assim passavam a ser vítimas de uma situação social desfavorável, ou remetia à mulheres que, contrariando costumes sociais da época, mantinham relações sexuais antes do casamento e engravidavam involuntariamente, sendo condenadas a sofrerem eternas discriminações do meio social em que viviam. (SOUSA, 2008, p.43)

Ou seja, a imagem da “mãe solteira” estava associada geralmente a gravidez indesejada fora do casamento de adolescentes, passando a ter que conviver em situações desfavoráveis e assim também sofrer discriminação por toda a vida. Além das mudanças estruturais que envolvem a família, a mulher que passa a viver só com seu filho sofrerá outros tipos de mudanças, como por exemplo: psicológica, financeira e social. Este último é marcado pela marginalização, como já citado. É interessante notar na citação acima que a autora nos fala sobre costumes sociais da época, ou seja, pelo contexto da obra percebe-se que ela estava falando de uma predominância da família nuclear, com base no relacionamento legalizado, tanto no civil como no religioso.

Pelas nossas pesquisas, percebemos que algumas mães solteiras relataram algumas dificuldades por causa da ausência do pai, como veremos no capítulo 3, mas que também isso não é regra no bairro em que pesquisamos. É por isso que Sousa afirma:

Portanto, ser pai e ser mãe é uma vivência que vai além do fato biológico natural para adquirir o estatuto de experiência psicológica e social, que pode ou não acontecer, estando estritamente ligada a vontade pessoal, haja vista que, conceber uma criança por si só não garantem que as experiências parentais sejam vividas em sua plenitude. (SOUSA, 2008, p.35)

Segundo a autora, para que um pai seja de fato considerado como um pai é necessário que este alcance suas responsabilidades como tal. O que garante a plenitude de um pai não é tão somente o fator genético e biológico, mas também as experiências compartilhadas com seu filho. Um pai pode continuar sendo um pai mesmo de longe, em termos genéticos, apenas mandando algum tipo de auxílio financeiro, mas que não atenderá a função de pai em sua plenitude, pois as crianças não querem a figura de um pai somente como mantenedor da casa, mas também como seu exemplo, um amigo conselheiro, logo, a plenitude só se pode alcançar através do amor paternal, acreditando que a afeição precisa ser conquistada e desenvolvida por meio de um relacionamento contínuo de reciprocidade entre eles e, conseqüentemente, um sentimento frutificado ao longo da convivência.

Todas essas discussões sobre família nos leva a pensar na aceitação dela por parte da sociedade, que muitas vezes ainda apresenta traço de uma sociedade tradicional ligada ao ideal de um único modelo familiar.

A visibilidade das diversas formas familiares desencadeia questionamentos que levam inclusive a ordem jurídica a reconsiderar o parâmetro tradicional de família; com isso, progressivamente tais famílias conquistam legitimidade. (SOUSA, 2008, p.40)

O que fazer quando essas novas formas de família não ganham legitimidade, em especial a família monoparental? Assim, podemos perceber que por mais que essas famílias atualmente ganharam legitimidade e aceitação, no passado, essas mesmas famílias era marginalizadas pela Igreja Católica, ou seja, o alvo das pregações da igreja era a família, pois ela era vista como a base do catolicismo.

2.3 A relação entre Igreja Católica e família

De uma forma geral, as religiões tem o poder de inserir nas pessoas comportamentos de mundo de acordo com suas concepções, nesse sentido, ela consegue formar ideias e moldar comportamentos. Ressaltamos também que certas ideologias religiosas podem ao tempo que acolhem fieis, afastar pessoas pelo mesmo motivo. Nesse tópico, veremos práticas discursivas da Igreja Católica relacionada à família, como a imagem de uma família sagrada nuclear foi centro das pregações da referida igreja.

O autor Pedro Vilarinho Castelo Branco (2006), em seu artigo, aborda uma temática muito importante para compreendermos as redefinições das relações familiares e de identidades de gênero no século XX. A sua proposta é apresentar as práticas discursivas católicas que objetivava prescrever modelos de vivência familiar criando um saber, uma verdade sobre essas relações.

Assim podemos dizer que os literatos, ao expressarem discursos sobre família, sobre as identidades de gênero, prescreviam formas de vir a ser a sociedade, criavam uma forma de perceber, de significar as coisas. Apropriavam-se da instituição familiar, do casamento, da ideia de masculinidade, de feminilidade, e desenvolvia o jogo escriturístico, determinando como deveria ser vistas, ditas e percebidas. (CASTELO BRANCO, 2006, p.362)

Nessa citação podemos ver alguns pontos que nos chama a atenção, como, por exemplo, o anseio dos literatos católicos em determinar regras de conduta na sociedade, no sentido de

mostrar como as coisas deveriam ser vistas, ditas e percebidas. É isso que as religiões fazem, não só a Igreja Católica, mas as religiões em geral, elas dão sentido ao mundo de acordo com suas próprias cosmogonias, visões de mundo. Dessa forma a família nuclear era sacralizada como única pela Igreja Católica.

Outro ponto que o autor ressalta é sobre as determinações de gênero, ou as desigualdades de gênero gerado pela Igreja Católica, onde eles tendem a definir as obrigações sobre o sexo masculino e sobre o sexo feminino, criando as barreiras de imposições para ambos os sexos. Essas determinações também se fazem presente na questão do casamento e sobre a instituição familiar em si, onde ambos veem normatizados pela instituição religiosa.

Percebe-se ainda em nossa sociedade a reprodução de discursos ligados à religião, uma sociedade que se mostra intolerante quanto ao outro e, acima de tudo, uma sociedade marginalizadora. Os literatos católicos assumia o sujeito da história, criando-a e acreditando que ter legitimidade de recriá-la, de acordo com o mundo em que viviam e a partir do seu lugar de fala, legitimado pela Igreja Católica, detendo o poder do saber. A forma de esses literatos criarem o saber era através dos livros sagrados, as hagiografias⁷ de santos, com inúmeros exemplos de mulheres virtuosas, cumpridoras das suas missões de esposa e mãe, de homens tementes a Deus, ordeiros e voltados ao trabalho produtivo.

Segundo Castelo Branco (2006) a Igreja Católica havia iniciado a divulgação de um discurso disciplinador. Na verdade, a função de uma instituição religiosa, seja qual for, deve ter por objetivo orientar os seus fiéis em prol de uma convivência social, de relacionamento com o próximo. Deve orientar os indivíduos a desenvolver a compaixão pelo próximo, a fim de incluir pessoas cada vez mais. Mas o que se observa é exatamente o contrário, a igreja tem disciplinado e imposto suas ideologias sobre questões de gênero, onde a função da mulher é somente a de reprodutora, mãe e boa esposa enquanto que a responsabilidade do homem está ligada ao sustento material da casa.

A família percebida como lugar estratégico na construção do novo ordenamento social, local de aprendizado de valores e princípios como a disciplina, o respeito às autoridades, à vivência em espaço ordenado onde todos teriam papéis e funções definidas, foi um dos pontos centrais a partir dos quais a Igreja projetaria seu discurso de recristianização da sociedade. (CASTELO BRANCO, 2006, p.365)

⁷ Termo utilizado para relatar a história de vida sagrada de algum santo, uma espécie de bibliografia sagrada para ficar de exemplo para os fiéis seguirem, como, por exemplo, a missão de Maria como mãe e a de José como pai.

A família ao longo da história era e ainda é considerado como a base da sociedade, o local de aprendizagem da criança e, o mais importante, o meio estratégico na construção de uma doutrinação religiosa. Para fundamentar essa ideia, podemos ressaltar o documento produzido pela Diocese de Picos para paróquia de São José Operário⁸. Esse documento é as orientações pastorais do sacramento do batismo direcionadas para a pessoa responsável por preparar aos fiéis para o batismo. Podemos perceber através dele a preocupação da igreja quando o “perigo” que a família esta passando com as mudanças sociais e culturais: “no nosso tempo, se faz necessário mais do que nunca a preparação de pais e padrinhos para a vida cristã e familiar. As mudanças sociais e culturais exigem que a sociedade e a Igreja se comprometam neste esforço para salvar a família” (PASTORAL FAMILIAR PAROQUIAL, 2010).

O presente documento tem como objetivo buscar um compromisso da sociedade em salvar a família, através de uma vida religiosa, pela qual os adeptos do catolicismo participem de todos os sacramentos. Só uma vida religiosa ativa e regularizada poderá “salvar” a família das transformações sociais e culturais. Os objetivos específicos do documento são claros: “Evangelizar as futuras famílias” e “orientar os pais e padrinhos sobre o verdadeiro sentido e necessidade do batismo”.

Outro ponto importante destacado por Castelo Branco é sobre as práticas condenatórias da Igreja Católica sobre outras formas de família não reconhecida por ela:

Para os católicos, somente o sacramento do matrimônio traria legitimidade às relações conjugais. Diante disso, a Igreja direcionou seus esforços na construção de um discurso condenatório das práticas de mancebia, dos ajuntamentos informais, mas também do casamento civil que procurava deslegitimar o ritual de casamento religioso. (CASTELO BRANCO, 2006, p.366)

Nota-se assim a condenação de relacionamentos não legitimado pela Igreja, como, por exemplo, o ajuntamento entre duas pessoas sem ter passado pelo casamento religioso, conhecido como mancebia. Mesmo que um casal tenha legitimado sua vida através do casamento civil, estes, porém, ainda eram considerados como impuros, não podendo participar de nenhuma atividade da igreja e nem muitos menos de batizar seu filho, se caso o casal tivesse algum.

⁸ Esse mesmo documento é utilizado na Igreja de Nossa Senhora Aparecida do bairro Morro da Macambira, visto que, elas são da responsabilidade de um mesmo padre.

Acreditamos que são esses tipos de fala que acaba gerando uma discriminação por parte da sociedade sobre outros tipos de família, onde ela internaliza esses ideais e doutrinas tidas como verdade absoluta. Somente o matrimônio religioso daria legalidade para práticas e vivência da sexualidade.

Dentro de todas essas práticas condenatórias da Igreja Católica sobre a família, havemos de destacar as críticas dela sobre a indissolubilidade do casamento. Essa discussão se torna importante por nos nortear na problemática do trabalho, visto que, a mãe solteira carrega sobre si uma carga de adjetivos negativos concernentes a sua condição civil.

A Igreja procurava legitimar a ideia de que se colocar contra o casamento indissolúvel e a favor do divórcio seria defender posturas inquestionavelmente dissolventes da moral e da ordem social como: despreocupar-se com o futuro dos filhos, com a felicidade e a moralidade das mulheres e defender os gozos passageiros, todos os elementos vistos e ditos como dissolventes da ordem familiar e social. (CASTELO BRANCO, 2006, p.371)

A indissolubilidade do casamento estaria, segundo o autor, relacionamento a defesa da moral e da ordem social, quem defendesse o contrário estaria corrompendo os bons costumes e indo contra as pregações católicas sobre o ideal de família. Essa desordem social e moral pela separação de um matrimônio resultariam em péssima criação dos filhos, colocando seu futuro cristão em dúvida, visto que, não haverá uma constituição de casal para ensinar os preceitos cristãos.

Outro ponto importante que queremos chamar a atenção é sobre a felicidade e a moralidade da mulher relacionada ao casamento. Porque a separação matrimonial estaria ligada a moralidade só da mulher? Enquanto isso e o homem? Por que os homens não sofrem da mesma discriminação? Percebe-se assim que caso um relacionamento viesse ter um término, a mulher seria culpabilizada e assim considerada como desordeira. Logo, a pregação Católica sobre a indissolubilidade do casamento era mais uma condenação sobre as mulheres, do que uma consequência das atitudes dos cônjuges. As mulheres, nesse sentido, seria as maiores vítimas do divórcio.

Sem os homens, as mulheres não teriam como se manterem honesta, dignas; não teriam legitimidade moral na sociedade. Dessa forma, a quebra do vínculo conjugal teria consequências diferenciadas para homens e mulheres. Para elas, seres onde os menores deslizes seriam percebidos e ditos como corrupção moral, a separação seria a decadência, a desonra, não teriam como recompor moralmente suas vidas. (CASTELO BRANCO, 2006, p.372)

Essa decadência moral da mulher pelo divórcio era uma consequência dos discursos produzidos pelos grupos mais tradicionais da sociedade. Essas questões de gênero são importantes por nos fazer perceber como a ideia da dependência feminina ao homem se fazia presente na nossa sociedade, além do apoio familiar e da presença masculina para legitimar sua situação social. Por ser consideradas como seres de “equilíbrio moral e emocional muito frágil” elas não seriam capazes de levar uma vida longe de um homem, principalmente por causa da questão econômica. E acima de tudo, seria considerada como desonrosas e indignas.

Segundo o autor Philippe Ariès (1981), que trabalhou em sua obra sobre os documentos iconográficos representativos da família ao longo da história, mostrando que esse sentimento de família que hoje temos, deu início desde o século XVI, visto que, é a partir dessas representações de família que se efetiva as estruturas de parentesco e a formação da família em si. Essas fontes permitiu para o autor acompanhar a ascensão de um sentimento da família entre os séculos XV e XVI, e a ampliação da grande família patriarcal no século XIX.

Os temas iconográficos ganham força nessa relação entre religião e família, baseado no modelo idealizado da Sagrada Família.

Todas as famílias eram convidadas a considerar a Sagrada Família como seu modelo. A iconografia tradicional modificou-se, portanto, sob a mesma influência que aumentou a autoridade paterna: São José não desempenhava mais o papel apagado que ainda lhe era atribuído no século XV e início do século XVI. Ele aparece no primeiro plano, como o chefe da família, num outro retrato da Sagrada Família à mesa pintado por Callot e igualmente popularizado pela gravura. (ÀRIES, 1981, p.151)

Nesse sentido a Igreja católica tinha como representação familiar a sagrada família de Nazaré, onde se coloca Maria como esposa e dedicada à criação de seu filho e José como o pai trabalhador. Para os homens São José era o exemplo a ser seguido, um homem trabalhador, mesmo que seja em uma carpintaria, disposto a ganhar os recursos para sustentar a sua casa. As características escriturísticas sobre os homens, seguindo o paradigma de São José, se fazem presente pela paternidade, onde este se responsabilizaria como pai e pelas qualidades dentro de uma esfera social, como, por exemplo, ordeiro e produtivo.

O modelo de Maria seria o exemplo a ser seguido pelas mulheres. Uma mulher com atitudes recatadas, longe das vaidades excessivas e dos prazeres ilícitos. Dentro do casamento, ela deveria ser uma mulher honesta, fiel ao marido, além de ser obediente às orientações dele, sempre pronta a servir. Tudo isso gerou para uma ordem religiosa sobre a família e de um

sentimento familiar. É interessante notar que não era algo restrito somente sobre o casal, mas também sobre os filhos, visto que, era necessário investir na educação, ou, segundo Ariès:

As ordens religiosas fundadas então, como os jesuítas ou os oratorianos, tornaram-se ordens dedicadas ao ensino, e seu ensino não se dirigia mais aos adultos, como o dos pregadores ou dos mendicantes da Idade Média: era essencialmente reservado às crianças e aos jovens. Essa literatura, essa propaganda, ensinaram aos pais que eles eram guardiões espirituais, que eram responsáveis perante Deus pela alma, e até mesmo, no final, pelo corpo de seus filhos. (ARIÈS, 1981, p.194)

Percebe-se assim os pais como responsáveis pela educação espiritual da criança, como protetores espirituais. Essa preocupação com a criança foi uma nova mudança de concepção sobre a família, que passou de uma família medieval para um sentimento moderno de família, baseado na intimidade do pai com o filho, onde este dedicaria seu tempo e preocupação. A família moderna tinha por objetivo preparar as crianças para um futuro brilhante.

Todas essas pregações católicas relacionadas à proteção do pai sobre a criança nos ajuda a entender como se fazia presente o medo por parte dos pais em relação à criança morrer pagã, sem ter recebido o batismo, pois era ele que inseria a criança na vida cristã e que a estrutura social baseada no patriarcalismo, assim como as ideologias difundidas pelo catolicismo contribuiu para a marginalização das mulheres que eram mães solteiras. Entretanto o que fazer quando o batismo lhe é negado? Enquanto as mães solteiras, o que fazer quando o filho é proibido de ser batizado? Mesmo com esses discursos da Igreja Católica sobre a necessidade do batismo para a criança, veremos no próximo capítulo que as mães solteiras não puderam batizar por conta do seu estatuto civil, o que resultou em uma subversão da ordem, onde elas procuraram outros meio para conseguir esse Sacramento Católico.

3 CAPÍTULO

O BATISMO DE FILHO DE MÃES SOLTEIRAS

A religião encerra em si mesma um alto índice de contradição; levando em conta que a mensagem das religiões, em geral, e de modo particular do cristianismo, é garantir a vivência humana a partir dos valores fundamentais de toda existência, parece contraditório que esses mesmos valores tenham podido gerar formas de cumplicidade com a violência social. (GEBARA, 2000, p.156.)

O presente capítulo tem como objetivo relatar as experiências vividas pelas mães solteiras no bairro Morro da Macambira, analisando as suas dificuldades. Veremos também como geralmente é criado um estereótipo sobre a vida insuficiente da mulher por causa da ausência de um companheiro. Logo, analisaremos como era a relação dessas mães solteiras com a sociedade e, principalmente, como era a sua relação com o catolicismo, objetivo principal da pesquisa.

Esse capítulo se sustenta pelas enormes contribuições que as mães solteiras deram através de seus relatos de experiência. Na verdade, as suas subjetividades é o que temos de mais importante na História Oral, onde o pragmatismo e o roteiro dão lugar à emoção de cada relato.

Ao utilizar o uso de fontes orais, usamos as regras básicas para uma boa entrevista apresentadas por Alessandro Portelli (2009) em seu artigo “História Oral e Poder”, mostrando que durante uma entrevista tudo que é dito é relevante para a história. Logo, nosso objetivo é dar voz aos “silenciados”:

Quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todo os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escutam, ou pouco as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente. (PORTELLI, 2009, p.3)

É interessante notar que o autor nos mostra que existe uma história oficial. No nosso caso, a história oficial é o da religião, marcado pelos discursos dos literatos, padres, preparadores de batismo e os que detêm o poder de fala em geral. Dessa maneira veremos a importância da história dos “excluídos”, que nesse caso são as mães solteiras. Todas as histórias contadas por elas são importantes e relevantes para que possamos compreender essas questões dentro de um determinado momento histórico e assim trazer para a esfera pública.

Em princípio havia uma expectativa muito grande de nossa parte, pois acreditávamos que todas essas mulheres sofreram a agrura da vida, sendo hostilizadas pela sociedade e sua família. No entanto, após fazermos algumas perguntas com o objetivo de conhecer as vivências dessas mães e as suas relações com o meio ao qual estavam inseridas, notamos que elas não se ressentiam por conta de preconceito de forma explícito por parte da sociedade. Pelo menos foi isso que ficou subentendido.

Além do mais, durante os relatos, percebemos a emoção com que cada mãe contava sua história. É por isso que Portelli (2009) nos diz que essas histórias sobre as experiências são mais importantes do que as coisas da política:

Porque a subjetividade, os sentimentos, as paixões são coisas de História que talvez sejam mais importantes do que as coisas da política; são uma política mais funda, mais radical, que faz parte do sangue e das veias das pessoas com quem falamos. Então, a entrevista não é um ato de extrair informações, e sim o abrir-se de um espaço de narração, um espaço compartilhado de narração, em que a presença do historiador oferece ao entrevistado alguém que está ali escutá-lo, coisa que não lhe ocorre com frequência. (PORTELLI, 2009, p. 4)

O ato da entrevista não é um momento somente de extração de informação, o depoente estará lá, pronto para dá sua narração, entretanto, temos que dá liberdade para que ele se sinta vontade não somente para falar aquilo que queremos ouvir, mas falar o que acha importante ser narrado e incluído em nosso trabalho científico. Temos que estar prontos para ouvir, dando atenção em cada parte do depoimento.

Observamos que ao externar as suas vivências, as mães solteiras se sentiam felizes em saber que a partir das suas entrevistas iriam nos ajudar na construção do trabalho. Assim, compreendemos que as entrevistas vão além de uma coleta de informações, é um espaço envolvente, onde o entrevistador proporciona e passa aos entrevistados que ele está ali para escutá-los e inseri-los na história. Queremos chamar a atenção também que apesar dessas mães solteiras estarem felizes por poderem ser ouvidas muitas falavam de forma breve e objetiva, talvez por timidez ou por falta de costume de ser o centro das atenções.

3.1 O Sacramento do Batismo

Os Sacramentos da Igreja Católica são subdivididos em 07 tipos, dos quais podemos citar: Batismo; Crisma ou Confirmação; Eucaristia; Penitência ou Confissão; Matrimônio;

Ordem e Unção dos Enfermos. Segundo o site Católico Canção Nova “Sacramentos são canais da graça de Deus, pois nos trazem a salvação que Jesus conquistou para nós com os méritos de Sua Paixão, Morte na cruz e Ressurreição”. Assim, a pregação sobre a salvação consiste em torno do cumprimento desses Sacramentos, pois “sem eles o homem não pode alcançar a graça de Deus”.

Dentre esses Sacramentos, o batismo se torna um dos mais essenciais, visto que, ninguém pode receber os outros sem antes ser batizado. Ele se constitui como uma nova vida, ligado ao ideal do nascimento de um cristão após o batismo. Sem o batismo a criança recém nascidas permanecem no estado de pagã e estrangeira a comunidade católica. É por isso que quando uma criança nasce, tem-se a necessidade de batizar, pois geralmente os pais tem medo dela morrer nesse estado, sem a “salvação de Deus”.

Além do mais, a necessidade do batismo vinha reforçada no Documento Canônico da Igreja, principalmente no artigo 867.2 e 868.2, onde diz que "se a criança estiver em perigo de morte, seja batizada sem demora" e “em perigo de morte, a criança filha de pais católicos, e mesmo não católicos, é licitamente batizada mesmo contra a vontade dos pais". Logo, a pressa por batizar seus filhos está apoiada nesses artigos Canônicos da Igreja Católica em que as advertia sobre a pressa para batizar os seus filhos, e que também se caso os seus filhos viesse a adoecer ou estivesse próximo à morte às mães tinham que procurar o mais rápido possível um padre para que pudesse batizar a criança.

Nos eventos preparatórios para o batismo os artigos dos documentos canônicos que se referem ao sacramento são lidos para os pais e padrinhos. Eles ressaltam a importância da criança ser batizada durante as primeiras semanas, pois mesmo ainda as crianças não compreendendo o significado do sacramento, o que realmente seria importante era a identificação delas como cristãs. O batismo tem vários significados, dos quais podemos destacar: a libertação do pecado; fundamento da vida cristã; nascer para Deus; se tornar cristão e início de uma missão, como batizados a cristã passa ter a responsabilidade de anunciar o evangelho a outras pessoas.

Existem determinadas regras na ocasião da escolha dos padrinhos e as madrinhas. Eles não poderiam ser os pais carnais e ao mesmo tempo padrinhos dos próprios filhos, deveriam ser batizados e conhecedores da doutrina católica. A eles caberia a formação moral dos afilhados, pois seriam responsáveis por sua educação espiritual.

Fica fácil de entender porque essas mães entrevistadas queriam batizar seus filhos, mesmo sendo isso proibido pela doutrina da Igreja. Por estarem envoltas em uma cultura com base no Cristianismo, algumas delas tinham a vontade de permanecerem nessa religião de forma legítima, pois o batismo possui um grande valor simbólico para elas. Assim, o sacramento do batismo na Igreja quando efetuado garantia uma identidade para a criança como cristã, isto é, o sacramento era para o cristão, a "porta de entrada" para se congregar na Igreja Católica e a oportunidade da salvação de sua alma. Quem não o recebesse ficava impedido de alcançar os demais sacramentos, como a 1ª Comunhão e o próprio casamento na Igreja. É nesse sentido que Stuart Hall (2005) nos apresenta questões sobre a identidade.

Assim a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" os fantasiados sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em "processo", sempre sendo "formada". (HALL, 2005, p.380)

Todo recém-nascido precisa ter seu nome registrado no cartório, para poder ter uma titularidade perante a sociedade. Assim é a questão do batismo. Para essas mães, as crianças precisavam ter uma identidade cristã e espiritual. É algo que foi formado em sua mente desde o tempo de criança, como algo que foi inculcado em sua mente.

Francisco Régis Lopes Ramos (2014) corrobora com essa ideia ao dizer que o sagrado se faz através do sentido que lhe é colocado:

Afinal, o sagrado se faz na medida em que cria vias de acesso ao sentido de tudo que existe, desde antes do nascimento até depois da morte. O ser que tem fé faz da experiência religiosa o meio de constituir o sentido do mundo e de localizar-se. Além de centro, o meio é um através. (RAMOS, 2014, p.12)

Assim, devemos estar atentos para o sentido sagrado que é atribuído aos sacramentos, ao ponto de dizer que ela é a porta de entrada para uma vida cristã. O catolicismo procura dar sentido para tudo, desde o nascimento até depois da morte, visto que, essas doutrinas estão muito enraizadas em nossa sociedade, um sagrado coletivo, que atinge uma grande parcela da nossa população. É essa sacralidade do batismo que as mães solteiras aprenderam e querem repassar para os seus filhos, ao ponto de ser negado o batismo para o seu filho e estas ainda insistirem, como veremos a seguir.

3.2 As mães solteiras e suas vivências

Nossa intenção é registrar de que forma essas mães solteiras foram colocada às margens da religião, através da negação do batismo para seu filho e como elas lhe deram com essa situação, qual foram as suas estratégias e suas formas de derrubar as limitações e barreiras impostas pelo Catolicismo.

Paula de Araújo Santos é uma das nossas entrevistadas da pesquisa, onde a mesma tem 36 anos, sempre morou no bairro e nunca foi casada. Seu primeiro relato nos concedido foi em 2014 e nos chamou bastante atenção por um fato curioso que não poderíamos deixar de relatar. Ela nos contou que nunca batizou seus filhos por medo dos falatórios e preconceitos por parte da Igreja e da sociedade. Ela sentia um receio de pedir o batismo de seus filhos e sofrer duras exortações. “Eu sabia que não iam me deixar batizar, então preferi não ir, se eu fosse rejeitada todos iriam comentar depois e não gosto que falem de mim”. Paula de Araújo Santos tem dois filhos e até no momento da entrevista os dois filhos ainda não tinham sido batizados, pois com o passar dos anos ela perdeu o interesse de concretizar o sacramento na vida dos filhos.

Já na entrevista atual de 2017 ela nos contou que até tentou falar com a preparadora de batismo, porém teve uma resposta negativa. Quando perguntamos se ela tinha tentado batizar seu filho na Igreja Católica do Morro da Macambira, nos deu a seguinte resposta: “Tentei mais a mulher falou que não batizava como mãe solteira. Disse que não batizava filho de mãe solteira, só batizava com o pai, se o pai fosse casado”. Através desse relato verificamos que o filho só poderia ser batizado se caso a mulher fosse casada, e que esta deveria aparecer para pedir o batismo com a presença masculina, quando ela se casasse. É interessante notar que hoje seus filhos já são adolescentes e mesmo sendo católicos ainda não foram batizados, mesmo o sacramento do batismo na Igreja Católica do Morro da Macambira tendo sofrido reformulações e se tornado mais flexível com relação as mães solteiras, tornando-se menos burocrática.

Segundo Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim (2012) a memória nos ajuda nesse processo de socialização histórica sobre essas problemáticas, visto que, existe uma relação entre História, memória e identidade no âmbito da História Oral:

Neste processo de construção de identidade, o processo de socialização histórica da memória participa de forma tão efetiva e marcante que podemos falar de uma memória herdada. Ele assinala que a memória é uma

atualização do passado ou a presentificação do passado, e é também o registro do presente que permanece como lembrança. A memória pode ser considerada uma evocação do passado. É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. (AMORIM, 2012, p.108)

A memória nos permite uma presentificação do passado, aquilo que estava esquecido pela a amnésia social, no sentido que fatos de exclusão como esses acabam esquecido pela sociedade, acaba vindo à toa através dessas fontes orais. A lembrança de Paula de Araújo Santos nos faz ver certo ressentimento com a instituição religiosa, a ponto de não mais querer batizar seus filhos, mesmo hoje sendo aceito. Segundo Fernando Catroga (2001) existem vários tipos de memórias e que geralmente:

A memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido a incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das representação do pretérito. (CATROGA, 2001, p.16)

Ou seja, podemos concluir que a memória individual é marcada por vários acontecimentos, seja familiar, grupal, que marca toda uma vida. No caso analisado nos parece que o fato de ser mãe solteira não trouxe uma marginalização por parte da sociedade e nem muito menos pela família, pois quando perguntamos se ela havia sofrido algum tipo de preconceito por parte da sociedade ela disse que não e que a sua família a ajudou para não passar dificuldades: “Assim, dificuldades eu não passei que eu tive ajuda da minha mãe. Ajudava ficava com ele pra mim ir trabalhar, cuidava dele”. Ou talvez isso tenha caído em um esquecimento, ao ponto de não lembrar o quanto essa fase foi ruim em sua vida ao ponto de bloquear os sentimentos, ou como nos diz o autor Michael Pollak (1989):

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p.06)

Isso nos faz acreditar em certo silêncio por parte do depoente, visto que, como uma pessoa ter passado por tudo isso e diz que não sofreu preconceito por parte da sociedade. Talvez essa citação nos faz entender isso, nos fazendo acreditar que existem em algumas lembranças, sombra, silêncios e os “não-ditos”, ou o reprimido inconsciente. Talvez seja o caso da depoente, pois percebemos na entrevista um pouco de receio, medo de alguma coisa.

Quem sabe isso tenha se dado por causa dessas coisas tenham sido um trauma em sua vida, algo que marcou de forma muito negativa. Tudo isso é o “não-dito” da pessoa entrevistada.

Maria Odete da Silva, outra entrevistada dessa pesquisa, também sempre morou no bairro Morro da Macambira. Atualmente tem 35 anos, é separada, tem três filhos e sua profissão é em Serviços Gerais. Ela nos contou que os meses posteriores à separação foram um pouco conturbados, que teve que escutar alguns falatórios que não lhe agradava, mas com o passar do tempo às coisas foram se acalmando. Entretanto sua maior dificuldade foi em relação à criação dos seus filhos.

Difícil né, muito difícil pela questão da obediência do respeito porque quando eles têm a imagem de um homem dentro de casa aí eles se tornam mais obediente e quando é só a mãe eles acham é que eles é que são o homem da casa principalmente filho homem. (SILVA, 2017)

Segundo ela, quando seu filho era criança, era bem mais fácil de manter a ordem dentro de sua casa e que o mesmo a respeitava e obedecia, mas já durante a adolescência ela se encontra com dificuldades em criá-los sozinha, pois ele não obedece e nem a respeita desde quando eram crianças. Ela pressupõe que essas atitudes do seu filho na adolescência se dão através das más amizades que ele possui, e que talvez se o pai estivesse mais presente para orientá-lo, o filho não se encontraria nessa fase de “rebeldia”.

É interessante notar como a figura paterna se faz presente em sua concepção ao achar que este iria garantir um maior respeito dos seus filhos, além de que os filhos homens, pela ausência do pai, pode ser o homem da casa, na questão da relação de poder (mandar/obedecer). A figura paterna dentro de casa, segundo ela, poderia ajudar na educação do filho e a ter o poder de um líder. Geralmente à imagem do homem dentro do lar é estereotipado sobre a premissa do autoritarismo e somente ele pode manter a ordem dentro de casa, assim, ela sente dificuldades em criar os filhos com a ausência paterna, na maioria dos casos a maior dificuldade não é no âmbito financeiro, mas sim, na questão afetiva. Sem o homem, a visão que a sociedade acaba formado sobre a família é de uma desestruturação.

Segundo a depoente, não houve uma marginalização por parte da sociedade e que a sua família não a desprezou nesse momento difícil, pois eles sabiam que ser mãe solteira, às vezes, não é opcional. Certas coisas acontecem na vida de um casal que acaba por ter como alternativa a separação. Ela disse que os pais a receberam bem e que ficou chateada apenas com alguns “boatos” por parte de algumas pessoas, porém não era de todos. Às vezes ficava

triste também com uns parentes que diziam que ela tinha “separado do companheiro para explorar os pais que já estavam velhos”.

Com relação o batismo dos seus filhos perguntamos como ela tinha conseguido fazer isso, visto que, a Igreja Católica não permitia o batismo de filho de mãe solteira. Segundo ela, não restou alternativa a não ser ter que mentir para os membros da Igreja Católica: “Com mentira, menti pra poder batizar foi que na época não aceitava realmente, não ainda não era livre né tinha que os pais ser casado e os padrinhos também, só que a gente teve que mentir pra poder conseguir batizar” (SILVA, 2017).

A depoente nos relatou que foi impedida pelas normas da igreja de batizar o seu filho na paróquia do Morro da Macambira, sendo que, ela sempre teve vontade de batizar seus filhos, mas não podia pelo fato de ser mãe solteira. Para poder batizar ela teve que mentir, dizendo que o pai estava viajando. Seu primeiro filho foi batizado no ano de 2002 na Igreja Matriz de Picos, e os outros dois foram no ano de 2005, na paróquia do Junco.

Durante a conversa, ela nos relatou que ficou muito triste por ter mentido para batizá-los e que tenha “pecado contra Deus por isso, mas eu temia que meus filhos morressem pagãos e ir para um lugar ruim” (SILVA, 2017). Segundo ela, o Padre responsável pela Paróquia da Macambira era muito rude e disse para ela que eles nunca seriam batizados, “quem mandou ser mãe solteira, toda mulher precisa de um companheiro”. Essa fala do padre reforça todos esses estereótipos sobre a necessidade da mulher em ter um homem, ou seja, a inserção da mulher na sociedade só se daria por intermédio do homem e que sem ele a mulher “não serve para a sociedade”, como já cometamos neste trabalho.

A pergunta a se fazer é a seguinte: ela pecou contra Deus quando de alguma forma buscou batizar seu filho por medo deste ir para um lugar ruim? Ou será se não podemos dizer que isso foi uma subversão da ordem posta? Na verdade isso foi algo vitorioso e de conquista, não pelo fato do significado do batismo, mas por ver que elas conseguiram atravessar o sistema. Segundo Michel De Certeau (1994) a tática:

Opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas dependem, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvidas mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante, tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Ai vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1994, p.100 e 101)

Foi isso que aconteceu, enquanto as pessoas fechavam a porta no bairro Morro da Macambira para as mães solteiras, estas procuravam outro meio de entrar em outras portas. Talvez não tenha sido uma porta aberta, escancarada, mas ela conseguiu entrar por uma pequena brecha, de forma sutil. Mesma sendo vítima da rejeição religiosa, ela não ficou parada, se lamentando, pelo contrário, foi construtora da sua própria história.

Rachel Soihet (1997), que trabalhou no seu texto sobre “A Histórias das Mulheres”, nos mostra como a mulher sempre foi vista como um objeto passivo durante toda a história, entretanto, a autora nos aponta para uma subversão de normas, de estereótipos e estigma.

Em oposição à história “miserabilista” — na qual se sucedem “mulheres espancadas, enganadas, humilhadas, violentadas, subremuneradas, abandonadas, loucas e enfermas...” — emerge a mulher rebelde. Viva e ativa, sempre tramando, imaginando mil astúcias para burlar as proibições, a fim de atingir os seus propósitos. (SOIHET, 1997, p.403)

Segundo ela a história sobre as mulheres é carregada de estereótipos, de preconceitos e de exclusões. Geralmente marcada por muitos casos de violências doméstica, de feminicídio, história de mulheres espancadas, enganadas, humilhadas, violentadas e até abandonadas. Essa é a história “miserabilista” sobre as mulheres. Entretanto, em oposição essa história, a outra história: a da mulher “rebelde”! Essa história é marcada pela mulher que não se submete aos duros regimes cultural e social, que busca sair das margens de uma sociedade de parâmetros tradicionais e marginalizadora. Essa mulher “rebelde” é aquela que burla as proibições, que vai adiante mesmo com as barreiras. Esse foi o caso de Maria Odete da Silva, que teve a estratégia de ir procurar o batismo do filho mesmo sendo proibido, conseguindo burlar o veredito. Isso para ela foi uma grande vitória:

Eu poderia ter batizado aqui no morro, meu bairro, não ter precisado mentir né, mas quando os governantes da igreja na época não aceitaram aí tive que mentir pra poder batizar eles. Foi um desafio que eu venci, foi uma grande vitória né?! (SILVA, 2017)

Ela ficou muito triste por não ter conseguido batizar na igreja na qual participava, destacando que não precisaria mentir, sem ter a necessidade de “pecar contra Deus”. Mas não lhe restou saída a não ser de ter que mentir. Segundo ela foi um desafio vencido. É interessante notar que mesmo tendo burlado a norma eclesiástica da sua própria igreja, ela nos declara que isso foi uma grande vitória, pois conseguiu inserir seus filhos na vida cristã.

Outro caso analisado foi o da depoente Maria Isabel Batista Campos. Ela é moradora do Morro da Macambira há bastante tempo e sempre trabalhou de doméstica. Atualmente ela tem

38 anos, sendo mãe de 4 filhos. Segundo ela foi muito difícil ter que conviver sem o seu cônjuge, principalmente no sentido de criar seus filhos sozinhos.

Foi difícil, difícil demais mesmo, tive que batalhar muito, muito, muito, muito, muito mesmo, muito. Era difícil e era no interior na época, aí foi muito difícil mesmo. É difícil sem o pai, difícil mesmo. Se fosse com o pai era mais diferente. (CAMPOS, 2017)

Vemos que a entrevistada deixa isso claro em sua fala, ao ponto de repetir várias vezes que foi difícil ter que conviver em um marido. Os motivos não ficaram claros de o porquê ter sido tão difícil, mas que nos leva a acreditar que tem sido principalmente na questão econômica, visto que, ter que cuidar de vários filhos longe da presença do pai, sem ter um auxílio financeiro não é fácil, realmente.

Mas a questão não é só econômica, assim como no caso da Maria Odete Silva, talvez a grande dificuldade tenha sido a falta de afetividade de um pai para com um filho. Quanto mais as crianças vão crescendo, mas elas vão necessitando de atenção, de cuidados e de carinho por parte dos pais. Na ausência dos do pai, a mãe teve essa dupla responsabilidade, ao ponto de ter que trabalhar para poder sustentar seus filhos e ainda ter o cuidado de está presente no cotidiano dos filhos, fazendo com o que estes cresçam sem ter algum tipo de trauma ou receio por não ter um pai. Ela é enfática ao mostrar a importância da figura do pai na criação dos filhos, ao dizer que se fosse com o pai as coisas seriam diferentes.

Com relação ao batismo do seu filho fizemos uma pergunta de como ela tinha conseguido isso mesmo por muito tempo a Igreja Católica não permitindo o batismo de filho de mãe solteira. Eis a sua resposta: “primeiro eu procurei aqui, aí ela falou que num tinha como não, que eu era solteira, aí eu fui, procurei outro lugar, aí eu consegui batizar”, ou seja, a depoente foi proibida de batizar seu filho na própria comunidade por conta do seu status civil. É interessante notar que a esperança quando da construção da Igreja de que não seria necessário sair do bairro para expressar a sua religiosidade não se concretizou na prática para todas pessoas. Ela alegou que isso deveria ser para todo mundo: “Eu não achei certo não, porque eu acho que tinha que ter pra todo mundo, eu acho, eu penso assim. Tinha que ser pra todo mundo. Que é uma coisa da comunidade tem que ser pra todo mundo. Aí eu num achei certo não” (CAMPOS, 2017).

colocar que a esperança que havia quando da construção da Igreja de que não seria necessário sair do bairro para expressar a sua religiosidade não se concretizou na prática para todas as pessoas.

Através desses relatos percebemos que a Igreja Católica se mostra muitas vezes como um espaço de heterogeneidade, visto que, apesar de ser uma mesma instituição religiosa, a sua ideologia e doutrina mudam de um lugar para outro. Em um lugar pode aceitar uma coisa que em outro não é permitido. Segundo a citação da depoente, ela nos declara sobre a necessidade de existir uma lei religiosa universal, ao ponto de ajudar a todos da comunidade e assim, trazer para dentro da igreja todas as pessoas, sem distinção de nada. Ou se caso as leis fosse no sentido de proibição, que fosse para todo mundo. O que se dá para entender nas entre linhas é que houve algum tipo de tratamento diferenciando, ou que alguma pessoa conseguiu batizar e ela não. Outra coisa importante na citação é quando ela diz sobre “uma coisa da comunidade”, isto é, podemos ver a ideia de pertencimento à igreja, uma igreja que é da comunidade e que visa o atendimento à comunidade. Por causa disso, na época ela ficou bastante chateada, ou nas palavras dela:

Rapaz nem era tanto por mim, era mais por minha mãe, pelo meu povo mesmo, por mim mesmo eu nem tinha mais batizado mais. Eu fiquei chateada, porque minha menina não podia batizar ai, ai eu fiquei chateada. Quem foi mesmo que encaminhou mesmo tudo foi minha mãe e os padim da menina minha, por mim mesma eu nem tinha batizado mais ela naquele tempo. Eu fiquei chateada mesma, fiquei foi chateada, que minha menina não podia, só a minha que não podia batizar. Mas ai graças a Deus deu certo lá, ai eu batizei logo (CAMPOS, 2017).

A decepção dela foi tão grande que ela não queria mais batizar sua filha por conta dessas questões. Outra questão importante que podemos notar também é sobre a pressão social e religiosa para batizar a menina por parte da sua mãe e dos padrinhos da menina, ou seja, foram eles que encaminharam todo o processo para tentar batizar a menina novamente, só que desta vez em outra igreja, que foi no bairro São José. A criança foi batizada no ano de 2006, quando tinha 06 anos. Mas por ela mesma, a criança não seria mais batizada.

Mesmo ela sendo proibida de batizar, foi procurar outro lugar para fazer isso. Por esse tempo também era proibido de batizar filhos de mãe solteira na Igreja São José Operário, igreja pela qual a criança foi batizada. Segunda ela, chegou e falou com o padre e esse aceitou batizar sua filha, mesmo sabendo que era mãe solteira. Logo, não sabemos ao certo se foi o padre que abriu uma brecha na norma ou se foi ela que conseguiu de alguma forma subverter a ordem. O que sabemos é que ela foi de alguma forma tentar mudar a situação a seu favor, sem, contudo, ter um projeto geral, ou como os diz Certeau (1994):

A tática não tem por lugar se não o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e convocação própria: a tática é movimento “dentro do

campo da visão do inimigo” como dizia Von Bulow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. (CERTEAU, 1994, p.100)

Logo, é dessa forma que funcionam as táticas, de forma singular e de forma oportuna. No caso citado, a depoente Maria Isabel Batista Campos também procurou romper com as barreiras, visto que, depois que ela foi proibida de batizar seu filho poderia muito bem não ter procurado outro lugar, como foi o seu caso, ou não ter mais tentado batizar de jeito nenhum, como foi o caso da Paula de Araújo Santos. Sendo assim, não foi uma tentativa de mudar o sistema, revolucionar as leis, ocasionar uma mudança radical na legislação católica. Sua intenção foi agir de forma silenciosa, procurando uma brecha no sistema, tentando subverter a ordem, logo, de forma sutil conseguiu inserir sua filha no mundo cristão e na vida espiritual.

Segundo Gebara (2010) hoje as discussões sobre as religiões estão muito mais voltadas para seu papel contraditório do que seu papel de inserção social, visto que, ela em certos momentos atraem as pessoas para dentro, mas em outros as expõem para fora. Nem mesmo as religiões conseguem garantir uma homogeneidade em seu grupo.

Nessa perspectiva, hoje nem mesmo as diferentes religiões conseguem se manter dentro de uma coesão grupal mais ou menos harmônica no interior de seus espaços. As Igrejas e as religiões são também lugares, talvez de forma diferente do que no passado, de disputas internas e dissensões, não só do ponto de vista doutrinário como do ponto de vista das práticas religiosas e políticas. Mais que isso, percebe-se que os laços de pertença às diferentes instituições sociais, e entre elas as Igrejas, tornaram-se mais fluídos ou talvez mais tênues. (GEBARA, 2010, p.74)

As igrejas também são espaços de disputas internas e dissensões, em certos momentos um espaço fluído, de harmonia, de conforto aos necessitados, mas em outro de rejeição e desprezo. Essa é a situação que estamos analisando, em certos momentos a Igreja Católica do Morro da Macambira se mostra favorável aos mais necessitados da comunidade, mas em outros momentos ela nega a entrada de novos fieis, através dessas proibições sobre o sacramento.

A religião entra em contradição quando tenta garantir uma estabilidade humana no mundo a partir dos valores fundamentais de toda existência, e esses mesmos valores que fazem parte de toda uma estrutura que procura garantir essa estabilidade social, de certa forma, causa formas de violências, sejam elas físicas, ou como nos casos analisados, uma violência moral.

A outra depoente que também se disponibilizou para nos dar o seu relato de experiência foi a Cleudimar Félix de Sousa. Ela tem um filho e atualmente trabalha como Lavradeira. Sua

história de vida tem suas ligações com as demais mães solteiras, ao vermos que ela passou por muitas dificuldades. Para nós historiadores e acima de tudo pesquisador é muito gratificante está contribuindo com a história dessas mulheres para a historiografia da mãe solteira.

Segundo Ecléa Bosi (2003), somos felizes por trabalhar com fontes vivas e ter o privilégio de reconstruir comportamentos e sensibilidades de outra época:

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo. (BOSI, 2003, p.16-17)

Nessa reconstrução devemos está atentos para as tensões implícitas, como já mencionamos aqui, e também procurar desvendar cada situação não compreendida. Foi com essa intenção que analisamos as três mães solteiras e é nessa mesma intenção que discutiremos o caso da Cleudimar Félix de Sousa.

Seguindo nosso roteiro de perguntas ela nos contou em primeiro lugar sobre suas dificuldades enquanto mãe solteira. Se houve ou não preconceito por parte da sociedade ou da família. Segundo ela:

Foi um pouco difícil, por que eu morava com minha mãe né, aí tive criar ele sozinho trabalhando, o pai nunca deu nada. Morava aqui mesmo no morro, aí foi um pouco difícil mais eu superei. Minha mãe ajudou, minhas irmãs ajudou, que eu ia trabalhar aí ficava com minha irmã, aí nisso foi passando os ano aí com 06 ano que ele (o filho) tinha 06 ano foi que eu arrumei um parceiro e me juntei e até hoje tá de boa. (SOUSA, 2017)

Depois da separação do seu cônjuge ela teve que criar o filho sozinho. Assim como as demais depoentes, percebemos que a maior dificuldade se deu por conta da ausência do pai, seja pela falta de uma “autoridade” masculina, seja pela falta de auxílio financeiro, como é caso de Sousa. Essas dificuldades só formam mais intensa por causa da falta de responsabilidade dos pais, que no momento que os filhos mais necessitaram deles, estes se afastaram, não ajudando nas necessidades das crianças.

A entrevistada nos conta ainda que essas dificuldades foram superadas graças a ajuda de sua mãe e irmãs, que enquanto ela assumia uma dupla jornada de trabalho, sua família ficava cuidando da criança.

Com relação ao batismo da criança ela nos relatou que “quando procurei a igreja disseram que não podia batizar”. Assim como as demais, ela também não conseguiu batizar seu filho logo após seu nascimento, pois, como já expomos no começo do capítulo, é ainda quando a criança é recém nascida que as pessoas procuram o batismo, para não haver o perigo

da criança morrer sem ter a identidade de cristã. Sousa procurou o batismo, mas “ela disse que não podia não, por que eu era mãe solteira e os padres não aceitava o batismo”. Essa foi a resposta da responsável pela preparação do batismo.

Entretanto o caso nos chamou bastante atenção pelo fato de ter conseguido, sem ter que mentir e nem sair para outro lugar. Ela conseguiu batizar seu filho através do pedido feito ao próprio padre, aquele que iria batizar seu filho. O que nos chama mais atenção é que o padre que estava na frente da Igreja Nossa Senhora Aparecida não batizava filhos de mães solteiras, mas que no ano que seu filho (Micael) nasceu foi o ano que o padre e missionário Afonso Calamari (apresentado no primeiro capítulo) tinha vindo da Itália. Seu pedido não foi para o padre local, responsável pela igreja, mas foi feita ao missionário da Itália.

Os padres não aceitava o batismo aí foi o tempo que o padre Afonso veio, aí Micaelzim já tinha 02 anos e pouco, aí eu fui e falei com ele aí ele foi e disse “ele já tem 02 anos e pouco se quando ele tiver 05 anos se você não tiver engravidado novamente ai eu batizo ele” aí eu fui e disse “o senhor batiza mesmo” ele disse “batizo!” aí eu fui e falei pra ele “pois isso aí pra mim não vai ser problema não” aí antes dele completar 05 ano eu batizei ele. (SOUSA, 2017)

Na fala dela podemos perceber certo apreço pelo padre italiano, pois ele teve coragem de assumir a responsabilidade de batizar um filho de mãe solteira. Mas que, de certa forma, um pedido de urgência (pelo menos para a entrevistada) foi atendida com mais de dois anos. O batismo do seu filho se deu através de um contrato com padre, que era a de que se ela não engravidasse novamente até a criança completar 05 anos ele iria batizar seu filho. A depoente garantiu que não iria gravida até essa data e assim foi fechado acordo e antes de completar os 05 anos de idade ele foi batizado, como combinado.

Não poderíamos deixar de exaltar a coagem dela, ao ponto de ir falar com alguém “superior”, pelo menos na hierarquia católica, a ela. Se a mesma já teria levado um não da preparadora de batismo, que na verdade esta última é responsável de atender apenas as normas que lhes são passadas, sem poder abrir exceção para outras mães solteiras, e quanto mais o padre, que tem uma responsabilidade maior ainda de atender as exigências eclesialística vinda do topo da hierarquia. Para a sua felicidade o padre atendeu seu pedido e ela conseguiu batizar a criança.

Outro ponto nos chama ainda a atenção. Durante a entrevista perguntamos se mais alguma criança havia sido batizada naquele tempo, a fim de obter mais entrevistas para a pesquisa, mas ela respondeu que não teve mais ninguém para ser batizado aqui do Morro da

Macambira, ou nas palavras dela: “na época ele batizou, daqui do morro não, daqui do morro foi só o meu”.

É nesse sentido que Bosi nos alerta para as interpretações sutil e rigorosa que o entrevistador deve ter em relação à fonte oral, ou seja, “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa (BOSI, 2003, p.20). O que fazer com as exceções? Porque no dia do batismo havia apenas uma criança do bairro a ser batizada? Enquanto as demais crianças? A felicidade da Entrevistada Cleudimar Félix de Sousa foi extremamente grande, por conseguir o batismo para seu filho mesmo sendo isso impossibilitado, mas enquanto a infelicidade das outras mães solteiras que não conseguiram o batismo do seu filho?

Vale ressaltar que mesmo tendo conseguido batizar seu filho através da intermediação do padre ela ainda ficou chateada por causa da proibição do batismo:

Indignada porque uma criança não tem nada haver se o pai é casado ou se não é. Eu acho que isso aí num era pra interferir em nada não porque mesmo assim, se a gente vai procurar um batismo a gente paga, no casamento a gente paga, numa crisma, a gente gasta também, paga do mesmo jeito até pra rezar uma missa pra um defunto alguma coisa é tudo pago. (SOUSA, 2017)

A entrevistada nos relatou que tudo que se faz na igreja tem que pagar e que ela tem contribuído em tudo que se tem pedido envolvendo dinheiro. Sendo assim, a igreja deveria atender as suas necessidades também, não pelo fato do dinheiro, mas sim pelo amor que ela tem em ajudar. A Igreja Católica deveria se atentar para a necessidade do filho em ser batizado e não na “culpa” da mãe, se é que ser mãe solteira é algo opcional.

Logo, história como as que foram narradas nos mostram como certas exclusões são silenciadas dentro da sociedade. Pessoas como essas tiveram o privilégio de vencer cada imposições colocadas sobre si. Essas foram as vivências de pessoas que buscaram sobreviver, em oposição ao militante penetrado de consciência histórica.

Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época; a do militante penetrado de consciência histórica e a dos que apenas buscaram sobreviver. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais mais o que importa é delas fazer emergir uma visão do mundo. (BOSI, 2003, p.19)

Logo, é essas subjetividades pela qual cada pessoa reconstrói sua história, suas relatos de experiência, seus traumas e (res)sentimentos.

Por isso, por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais. (PORTELLI, 1996, p.03 e 04)

Em fim, sentimos que a história oral pode nos saciar de informações de outro tempo, onde ela foi a nossa maior riqueza. Sendo assim, não nos resta dúvida da importância do tema para se fazer história, baseado nas fontes orais de cada mãe solteira. E que a igreja, portanto, é uma instituição que assume um duplo sentido, o de inclusão e o de exclusão. Ela reproduz modos de agir, de ser e de comportar, para os homens e especificamente para as mulheres. Inclusive, esse é um meio social que as identidades de gênero são constantemente produzidas e reproduzidas, que de certa forma trazem consequências não programadas, no qual pregam uma estabilidade social através de seus valores, mas em determinadas situações provocam situações de inimizade e ódio.

Queremos encerrar esse capítulo chamando a atenção que essa realidade não era característica de todas as Igrejas Católicas no período e que atualmente foram feitas algumas reformulações, dentre elas a aceitação ou diminuição da burocratização para o batismo dos filhos de mães solteiras e a oferta voluntária. Essa negação do batismo não foi regra geral em toda a cidade, pois cada lugar tinha sua própria forma de aceitar as coisas, pois isso dependia do padre que estava na frente da instituição. Era ele que aceitava ou negava o batismo. Um exemplo citado foi o caso do padre Afonso Calamari da Itália, que acabou batizando o filho de uma mãe solteira.

Essa diminuição da burocratização do batismo tem sido algo pregado pelo Papa Jorge Mario Bergoglio, mais conhecido como Papa Francisco, que vem sendo considerado um papa humilde e com grandes atitudes e que às vezes tem quebrado até alguns protocolos e costumes da Igreja Católica.

Pensai numa mãe solteira que vai à Igreja, à paróquia e diz ao secretário: Quero batizar o meu menino. E quem a acolhe diz-lhe: Não, tu não podes porque não estás casada. Atentemos que esta mãe que teve a coragem de continuar com uma gravidez o que é que encontra? Uma porta fechada. Isto não é zelo! Afasta as pessoas do Senhor! Não abre as portas! E assim quando nós seguimos este caminho e esta atitude, não estamos fazendo o bem às pessoas, ao Povo de Deus. Jesus instituiu 7 sacramentos e nós com esta atitude instituímos o oitavo: o sacramento da alfândega pastoral. Quem se

aproxima da Igreja deve encontrar portas abertas não fiscais da fé!
(FRANCISCO, 2013).

No caso pautado, ele refere-se à questão do recuso, por parte da Igreja, ao batismo de crianças filhos de mães solteiras, onde esse ato, segundo ele, não acolhe os fieis, mas por outro lado os afasta de Deus, não cumprindo o papel da mesma. Atualmente já não existem tantas restrições para o batismo no bairro Morro da Macambira, principalmente para filho de mãe solteira, onde várias pessoas hoje conseguiram batizar na igreja que frequenta, sem precisar sair para outro lugar ou ter que mentir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que há uma influência da religião cristã na construção da identidade das mães solteiras. Com os diversos avanços da humanidade as relações de gênero passaram por inúmeras alterações, e no caso da identidade das mulheres, configura-se como construção cultural. A Igreja, portanto, é uma instituição que assume um papel ímpar nesse sentido, ela reproduz modos de agir, de ser e de comportar, para os homens e especificamente para as mulheres. Inclusive, esse é um meio social que as identidades de gênero são constantemente produzidas e reproduzidas, que de certa forma trazem consequências não programadas, no qual pregam uma estabilidade social através de seus valores, mas em determinadas situações provocam discursos de inimizade e ódio.

É interessante pensarmos o porquê que essas mães não aceitaram as medidas que a Igreja Católica tomava, das quais impedia que seus filhos fossem batizados. Notamos que mesmo essas construções terem sido colocadas à frente do desejo e da importância que era o batismo para essas mães, como algo absoluto e de forma sacralizada e que esses métodos passam a ser utilizados pela igreja para escravizar o desejo das mesmas e assim obscurecer a suas vidas, elas não ficaram a mercê das barreiras impostas, subvertendo a ordem através da sua ativa e corajosa vontade de superar as limitações.

O catolicismo em Picos, como nas demais cidades do sertão nordestino, enraizou-se no cotidiano das pessoas e influencia fortemente hábitos, costumes e decisões de muitos indivíduos. Dessa forma, comumente, as pessoas procuram se auto indentificar como católica

de várias formas, não só através da sua ida aos trabalhos da igreja, como também pelo cumprimento dos Sacramentos.

Nossa intenção não foi a de querer invalidar as contribuições da Igreja Católica na cidade de Picos, entretanto, o nosso objetivo é mostra que nem sempre essa imagem de uma “igreja para todos” se perpetuava na prática e, para além disso, mostrar o poder do discurso propagado por ela, como regulador dos comportamentos sociais. Aqueles que não conseguiam se enquadrar no sistema eclesiástico católico, que por algum motivo não pode cumprir todos os sacramentos, por exemplo, era menosprezado e indigno de exercer algum tipo de atividade dentro dela. Na proporção que a Igreja Católica se expande, a religiosidade também cresce e alcança um número maior de vítima.

E por último, queremos ressaltar que a Igreja Católica assume um espaço de heterogeneidade, visto que, existe ainda hoje lugares que não aceitam o batismo de filhos de mães solteiras, ao passo que em outros lugares já não existe mais restrições para o batismo. Não podemos pegar os discursos do papa Francisco e acreditar que todas as Igrejas Católicas espalhada no Brasil tem assumido uma só postura diante de certos temas como aborto, batismo para filho de mãe solteira, casamento misto e entre outros, quando na verdade, apesar dessas tentativas de modernização e das tranformações sofridas no seio da Igreja, em alguns lugares essas mudanças ocorrem/chegam com maior intensidade e em outras não.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).
- AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Família às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. –Fortaleza: EUFC, 2001.
- AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e História Oral. In. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul**. São Paulo, v. 1, n. 2, jan./jun. 2012.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**/tradução de Dora Flaksman. – 2.ed. – Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Os famintos do Ceará**. In: FENELON, Déa Ribeiro;MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004. p.94-115.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da memória**. Ensaios de psicologia social. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BUSIN, Valéria Melki. **Religião, sexualidades e gênero**. Revista de Estudos da Religião.V.11,n.1,2011.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A Igreja Católica e a redefinição das relações familiares e das identidades de gênero no alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do, VAINFAS, Ronaldo. **História e historiografia**. – Recife: Bagaço, 2006
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, p.156.
- _____. **Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos**. Antologia de Textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro -10 ed.-Rio de Janeiro. DP& A, 2005.
- LUZ NETO, Francisco Teotônio da. **Geneologia da família Luz**. Brasília-DF, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 16 de jan. de 2017.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Revista Mnemosine. Vol.6, nº2, p. 2-13, 2009. (Tradução de Luiz Blume e Heliana Rodrigues).

_____. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

PRADO, Danda. **O que é família**. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1982

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia** (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUSA, Ana Paula de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar**. Franca: UNESP, 2008.

SOUSA, Marcos Vinícius Holanda, ELIA, Juliana Lopes. **A Cidade em Perspectiva: as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade de Picos (PI) no período de 1960-1980**. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012.

VELOSO, Maria Lidianny Ferreira. **O Mel dourado: vivências e experiências dos apicultores em Picos-PI (1980-2014)** / Maria Lidianny Ferreira Veloso. - 2014.

DOCUMENTOS

LUZ, Maria Helena Araújo. **Histórico da Igreja de Nossa Senhora Aparecida**, Nº 01, 2002.

Pastoral Familiar Paroquial. **Orientações Pastorais para o Sacramento do Batismo da Diocese de Picos**. Picos: PI, 05 de maio de 2010.

DIGITAIS:

Dados da população Católica no Piauí: 2.653.135 pessoas residentes no Piauí declararam ao IBGE que sua religião é a católica apostólica romana. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pi&tema=censodemog2010_relig. Acessado 01 de Jun. de 2017.

O perfil da mulher. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/>. Acessado em: 01 de Jun. de 2017.

Sacramentos no site da Canção Nova. Disponível em:

<https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/sacramentos>. Acessado em 01 de Jun. de 2017.

Artigos Canônicos sobre os Sacramentos. Disponível em:

<http://www.veritatis.com.br/antigo/8829-dos-sacramentos-titulo-i--do-batismo>. Acessado em: 01 de Jun. de 2017.

Discurso do Papa Francisco. Disponível em:

<http://www.news.va/pt/news/papa-francisco-quem-se-aproxima-a-igreja-deve-enco>. Acessado em 01 de Jun. de 2017.

FONTES ORAIS:

ARAÚJO, Neusa Maria de Sousa. **Entrevista concedida a Paulo Henrique Luz do Nascimento.** Picos-PI: 17/12/2016

CAMPOS, Maria Isabel Batista. **Entrevista concedida a Paulo Henrique Luz do Nascimento.** Picos-PI: 26/03/2017.

SANTOS, Paula de Araújo. **A entrevista foi dada a Paulo Henrique Luz do Nascimento.** Picos-PI: 30/03/2017.

SILVA, Maria Odete da. **Entrevista concedida a Paulo Henrique Luz do Nascimento.** Picos-PI: 22/04/2017.

SOUSA, Cleudimar Félix de. **Entrevista concedida a Paulo Henrique Luz do Nascimento.** Picos-PI: 31/03/2017.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Paulo Henrique Vuy do Nascimento,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Religião e Gênero: A marginalização da mãe solteira
no bairro Mano do Mocamboira (1997-2013)
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de outubro de 2019.

Paulo Henrique Vuy do Nascimento
 Assinatura